



Ispá

Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida

TRAVESSIAS: ADOLESCÊNCIA E PANDEMIA EM SONHOS

JOANA HORST RESCIGNO BALDO

Orientador de Dissertação: Prof. Dr. António Gonzalez

Coorientadora de Dissertação: Simone Moschen

Professor de Seminário de Dissertação: Prof. Dr. António Gonzalez

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em PSICOLOGIA CLÍNICA

2024



Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Dr. António Gonzalez e coorientação de Prof^ª Dr^ª Simone Moschen, apresentada no Ispa – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de PSICOLOGIA CLÍNICA.

AGRADECIMENTOS

São muitos os agradecimentos aos que me acompanharam e permitiram a realização desse feito, porque uma travessia nunca se faz sozinho. Primeiramente agradeço ao António Gonzalez, que demonstra um respeito sincero pelas diferenças e um senso de comoção pela riqueza da alma humana. Agradeço pela abertura genuína com que me acolheu em orientação, propiciando espaços de trocas e interlocução que foram permeados de curiosidade pelos sonhos e constante presença e incentivo. Também aos colegas do seminário, por compartilharem as ressonâncias e reverberações que as narrativas oníricas suscitaram-lhes.

À Simone Moschen, que já me acompanhou em outras travessias psicanalíticas e acadêmicas e que me ensina sobre escuta e transmissão de um modo particularmente implicado, consistente e com muita gentileza.

Aos colegas do projeto *Inventário dos Sonhos*, com quem compartilho a aposta na riqueza desse acervo e o encantamento pelas possibilidades de transmissão das narrativas oníricas: André Costa, Denise Mamede, Caroline Mortagua, Edson Sousa, Luciano Bregalanti e Paulo Endo.

Ao Edson Sousa e à Elida Tessler, que através de um gesto generoso ofereceram-me uma *inspiração* para esse escrito, por suas palavras-faróis que iluminam o caminho e suas palavras-fósforos que acendem faíscas.

Aos colegas de ofício, de Porto Alegre, de Cascais, de Lisboa, com quem compartilho a beleza e também as turbulências do fazer psicanalítico, e com quem aprendo a seguir remando. À Ieda Prates, Diana Corso e Marta Pedó, em quem reconheço, de maneiras diversas, a transmissão de uma psicanálise pautada por uma escuta ética e sensível, e que me oferecem algumas âncoras para sustentar o fazer clínico, especialmente junto a algumas travessias infantis e adolescentes. À Maria Lúcia Stein, pela recepção, pela companhia e pelo incentivo em desbravar caminhos psicanalíticos em terras lusitanas.

Às minhas primeiras leitoras, Juliana Martins Costa e Cláudia Sampaio, uma em cada margem do Oceano Atlântico, que me brindaram com sua disponibilidade, sensibilidade e interlocução privilegiada na construção desse trabalho. Junto delas, Ju e Clau, estendo o agradecimento às amigas que continuam reflorescendo comigo a cada estação da vida e que tanto me inspiram com seus fazeres: Lu, Luca, Aninha, Iana.

Aos meus pais, matéria-prima dos meus sonhos, por sustentarem comigo minhas primeiras travessias. Aos meus irmãos, pelas travessias e travessuras compartilhadas desde a

infância, atravessando a adolescência e seguindo ao longo da vida. Aos demais familiares que se envolveram e se ofereceram como suporte durante o alto-mar, muito obrigada!

Ao Lucas, companheiro de sonhos, pelo seu estímulo, suporte, dedicação, pela sua paternidade revolucionária e extremamente amorosa com as nossas filhas, que amplia meus horizontes. Por sua energia, invenções e esperas, pelas nossas travessias juntos e pelas nossas reconstruções. O amor que vivemos é gerúndio.

À Sara e à Luísa, que habitam a minha terceira margem, aquela que mais desconheço e a que mais me encanta. Agradeço pela imensa compreensão de minhas ausências nesse tempo de escrita, pelo carinho único e genuíno, pelos olhares cheios de amor que me dedicam. Por renovarem o tempo que corre e por despertarem a minha mais importante travessia.

*Na Cidade do Sonho, que existe dentro da outra e onde o tempo é um novelo inextricavelmente emaranhado pelos gatos, quase sempre avisto ao longe, dobrando uma esquina, aquele mesmo vulto silencioso. Não sei por que ele me espiona e evita-me. Desconfiará que sou acaso a sua imagem perdida nos espelhos? Teme saber qual de nós dois está sonhando o outro? Vou fazer fumigações, acender velas pretas a São Cipriano, velas brancas ao meu Negrinho do Pastoreio, velas de todas as cores a São Jorge em seu belo cavalo – e, uma noite, numa esquina do sonho, hei de enfim surpreendê-lo, cara a cara!
Mas talvez nunca mais eu despertasse...*

Mario Quintana, 1979.

RESUMO: Esta dissertação propõe-se a investigar os sonhos de adolescentes brasileiros durante a pandemia de COVID-19 que compõem o acervo *Inventário de Sonhos*. Realizamos a leitura/escuta desses sonhos, analisando as imbricações das travessias da adolescência e da pandemia a partir das narrativas oníricas, sustentados pela ética da psicanálise. Guiados pela atenção flutuante, deixamo-nos atravessar pelo critério transferencial na seleção de 16 dentre os 45 sonhos de adolescentes do acervo, que nos interpelaram e suscitaram interrogações. Observamos nesses enredos oníricos a intensidade do trabalho psíquico do adolescente para se ressituar na sua relação com o universo discursivo. Reconhecemos manifestações do caráter invasivo e imprevisível da pandemia, retratando o sofrimento decorrente das privações impostas pelo contexto pandêmico, como o isolamento social, cujos efeitos são especialmente dramáticos nesse tempo da adolescência. Percebemos representações de angústia e imagens de desamparo, bem como manifestações relativas aos diversos lutos em causa nesse contexto, às transformações do corpo e à reorganização pulsional próprias da passagem adolescente. Identificamos ainda que nesse enredo onírico há algo de paradigmático do que se estava vivendo no período de pandemia no Brasil. Compreendemos que o sonho opera como um recurso para realizar a travessia da noite, que as narrativas oníricas carregam em si possibilidades transmissão da experiência compartilhada, e que a função do sonhar – pelo trabalho de linguagem de que o sonho é feito e sua consequente polissemia significante – pode produzir uma abertura de sentidos que instaura uma dimensão tanto de testemunho quanto de criação, na direção de uma ética do despertar.

Palavras-chave: sonhos, adolescência, pandemia de COVID-19, Brasil, psicanálise.

ABSTRACT: This dissertation aims to investigate the dreams of Brazilian adolescents during the COVID-19 pandemic, which make up the *Inventário de Sonhos* (Dream Inventory) collection. We read/listened to these dreams, analyzing the intertwining of the crossings of adolescence and the pandemic from the perspective of these dream narratives, supported by the ethics of psychoanalysis. Guided by floating attention, we allowed ourselves to be influenced by the transference criterion in the selection of 16 out of the 45 adolescent dreams in the collection that challenged and raised questions for us. In these dream plots, we observed the intensity of the adolescent's psychic work to reposition themselves in their relationship with the discursive universe. We recognized manifestations of the invasive and unpredictable nature of the pandemic, portraying the suffering resulting from the deprivations imposed by the pandemic context, such as social isolation, whose effects are especially dramatic during adolescence. We noticed representations of anguish and images of helplessness, as well as manifestations related to the various losses involved in this context, to the transformations of the body, and to the drive reorganization typical of the adolescent passage. We also identified that in this dream plot, there is something paradigmatic of what was being experienced during the pandemic period in Brazil. We understand that the dream operates as a resource for crossing the night, that dream narratives carry within them the possibilities of transmitting shared experiences, and that the function of dreaming – through the work of language that makes up the dream and its consequent significant polysemy – can produce an opening of meanings that establishes a dimension of both testimony and creation, in the direction of an ethics of awakening.

Key-words: dreams, adolescence, COVID-19 pandemic, Brazil, psychoanalysis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 OBJETIVO GERAL	13
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
2. ATRAVESSAR A NOITE: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 SONHOS E PSICANÁLISE.....	15
2.2 SONHOS E CULTURA – DIMENSÃO COLETIVA DO SONHAR	21
3. METODOLOGIA	24
3.1 MÉTODO PSICANALÍTICO DE PESQUISA	24
3.2 INVENTÁRIO DE SONHOS.....	29
3.3 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DO ESTUDO	29
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	31
4.1 ATRAVESSAR A PANDEMIA.....	31
4.2 ATRAVESSAR A ADOLESCÊNCIA – SONHOS EM PANDEMIA.....	41
5. PARA CONCLUIR - DESPERTAR	59
6. REFERÊNCIAS	63
7. ANEXOS	68
7.1 ANEXO I – CONSENTIMENTO DA PESQUISA	68
7.2 ANEXO II – QUESTIONÁRIO DO PROJETO INVENTÁRIO DE SONHOS.....	69

1. INTRODUÇÃO

Sonhei que estava em uma fila de cinema, não tenho certeza de qual era o título exato do filme que estava em cartaz (nota: era o único filme passando no cinema inteiro), mas parecia ser um daqueles filmes de catástrofe com tsunamis. Um garoto da minha idade tocou no meu ombro e disse algumas coisas que não me lembro, só lembro dele ter tido: "pena que não chegamos a nós conhecer" e depois foi embora. Não me lembro mesmo da conversa que tive com ele, mas lembro que foi bastante divertido, ele talvez fosse uma das pessoas mais interessantes que conversei na minha vida. Depois do garoto ir embora, as janelas do cinema começaram a encher de água até que se quebraram deixando a água entrar por todos os lados, percebi que tinha ficado sozinha de repente, enquanto o local todo inundava em água. Rapidamente comecei a ficar sem ar e provavelmente morri afogada, mas acordei com medo antes de ter certeza.

Sonho *Água*, gênero feminino, 16 anos, sonhado em 14/04/2020.

Ficar sem ar era o enredo que ocupava as preocupações de quase todo ser humano no início de 2020. Era o único filme passando no cinema inteiro. Em todos os canais e em todas as esquinas, a vida tornou-se, num repente, monotemática: pandemia de covid-19. Estávamos todos na mesma *fila de cinema*, em posição de espera, sem saber exatamente o que se passava. O filme era *catastrófico*, como um *tsunami* que rapidamente nos deixou *inundados* de uma ameaça *vinda de todos os lados*, a partir do que nos vimos *de repente sozinhos*, privados da dinâmica social a que estávamos tão habituados.

O relato acima é um sonho de uma adolescente de 16 anos, sonhado em 14 de abril de 2020 – um mês após a eclosão da pandemia de COVID-19 no Brasil. Esse e os demais relatos de sonho que compõem a presente investigação foram extraídas do acervo *Inventário de Sonhos*, uma pesquisa que recolheu sonhos de brasileiros durante o período de pandemia. O acervo encontra-se disponível em dois museus virtuais, o Museu das Memórias (In)Possíveis¹ e o Museu da Pessoa². Essa narrativa³ nos empresta alguns elementos que permitem uma leitura do acontecimento pandêmico que transcende o sonhador, transmitindo uma experiência compartilhada por muitos, ainda que as possibilidades de interpretação não possam ser reduzidas a uma leitura unívoca.

O ato de sonhar é uma atividade psíquica inerente ao ser humano, é um recurso possível para a desafiadora tarefa que é atravessar a noite. É preciso cotidianamente despir-se de contornos egoicos, entregando-se à obscuridade do adormecer. Para a psicanálise, o sonho é um mosaico regido por pensamentos inconscientes, em que cada indivíduo tem liberdade para

¹ <https://museu.appoa.org.br/acervo/inventario-dos-sonhos>

² <https://museudapessoa.org/colecao/invent-rio-de-sonhos/>

³ Optou-se por preservar os relatos de sonhos da exata forma como foram doados para o *Inventário de Sonhos*, sem nenhuma correção ortográfica ou de formatação, a fim de preservar a composição onírica da maneira como foram escritos/narrados.

formar o mundo onírico ao seu modo, protegido da compreensão dos outros devido ao caráter enigmático que o compõe, conjugando os diferentes elementos de experiências e de lembranças em infinitas possibilidades de combinações.

Os humanos sonham e podem contar os seus sonhos a outros. *Sonhei que...* costuma marcar o início do ato de narrar o sonho a alguém. Esse endereçamento pressupõe a possibilidade de ser escutado por outro em sua singularidade. Foi a partir de narrativas de sonhos que Freud (1900/2019) avançou em sua teoria do inconsciente, acolhendo o que os sonhos dos seus pacientes transmitiam, a despeito da fala consciente, reconhecendo a estrutura de linguagem da composição onírica e sua função de realização de desejo, além de guardião do sono. Essa leitura dos sonhos foi a base para o entendimento do sujeito do inconsciente, abrindo caminho para a fundação da psicanálise.

O projeto *Inventário de Sonhos* segue a trilha freudiana ao abrir espaço para o endereçamento de narrativas oníricas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. A pesquisa foi realizada por um coletivo de psicanalistas brasileiros, investidos da aposta no valor da vida onírica como uma fonte inesgotável de composições de imagens, emoções e saberes, cuja narração pode conjugar-se como transmissão de uma experiência e cujo registro pode operar como testemunho de uma época. A proposição deste Inventário inscreve-se como uma proposta de reconhecer os sonhos como fontes relevantes de informação e elevá-los ao estatuto de documentação.

O acervo resultante dessa pesquisa comporta aproximadamente 1300 sonhos anônimos acompanhados das associações que o sonhador fez com a pandemia e encontra-se publicizado em dois museus virtuais (Museu das Memórias (In)Possíveis⁴ e Museu da Pessoa⁵). Participei da coleta e organização do arquivo desse inventário juntamente com outros psicanalistas pesquisadores⁶.

A fim de realizar o presente estudo, e movida pelas questões que me suscitaram a clínica psicanalítica com adolescentes, percorri esse acervo em busca de sonhos doados por adolescentes, encontrando 45 sonhos de adolescentes com idades entre 12 e 18 anos. Voltamos nossa atenção para o que essas narrativas de sonhos de adolescentes transmitem acerca da experiência de atravessar a adolescência durante a travessia da pandemia. *Percebi que tinha*

⁴ Museu das Memórias (In)Possíveis, museu virtual da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), disponível em: <https://museu.apoa.org.br/acervo/inventario-dos-sonhos>

⁵ Museu da Pessoa (museu virtual e colaborativo de histórias de vida), disponível em: https://museudapessoa.org/colecao-detalle/?id=750#close_nav

⁶ Fazem parte do Inventário de Sonhos os psicanalistas André Costa, Caroline Mortagua, Denise Mamede, Edson de Sousa, Joana Horst, Luciano Bregalanti e Paulo Endo.

ficado sozinha de repente; rapidamente comecei a ficar sem ar; as janelas se quebraram deixando entrar água por todos os lados: tais composições de frases são tomadas aqui como algumas notas que apresentam ressonâncias da experiência adolescente. Partimos da interrogação: que testemunhos podemos recolher nesse acervo de sonhos sobre a especificidade da passagem adolescente no período pandêmico no Brasil?

Cabe ressaltar que, à tragédia sanitária anunciada com a eclosão da pandemia de COVID-19, sobrepôs-se um número ainda mais obscuro de mortes no contexto brasileiro, época⁷ em que o país estava a ser regido por uma *necropolítica*, conforme a concepção de Achille Mbembe (2018), ou seja, por uma política que regula a distribuição da morte. *Desgoverno* foi um termo que se popularizou para nomear a gestão mortífera da pandemia no Brasil, praticada através de uma postura negacionista, não apenas deixando a população desamparada de estratégias institucionais para fazer frente à pandemia, mas exercendo ações, decisões e isenções de efeitos massivamente mortíferos⁸.

Rapidamente comecei a ficar sem ar e provavelmente morri afogada, mas acordei com medo antes de ter certeza. Esse mosaico de elementos soa como uma possível representação do tempo da pandemia, um tempo repentino de expressiva ameaça à vida, marcado por incertezas e angústias. Além dessa leitura, essa composição onírica pode também servir como uma imagem da temporalidade da adolescência. Esse é um tempo paradoxal de travessia, de passagem: tempo de deixar a infância para tornar-se adulto. A adolescência compõe-se de uma mistura de tempos: ainda carrega tons infantis mesclados com as possibilidades que se anunciam com a promessa da vida adulta. A conjugação verbal dessa narrativa onírica direciona-nos para um tempo de incertezas, e também para um tempo de morte, ao mesmo tempo que aponta para as possibilidades do despertar. *Provavelmente morri* – essa composição linguageira que carrega essa profusão de tempos emaranhados aponta para um paradoxo de

⁷ Referência ao governo Bolsonaro (2019-2022).

⁸ Diversas ações e isenções do governo justificam essa leitura, como o importante atraso na negociação das vacinas, as falas desvalorizando a vacinação, o desrespeito à orientação sanitária de isolamento social, postura de afronta ao saber científico (como exemplo, gesto de segurar uma criança no colo, sem máscara), incitação do uso de medicamentos de efeitos não reconhecidos na doença respiratória por complicação de COVID, crise no ministério da saúde com sucessivas trocas de ministro. Algumas reportagens sobre tais ações: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/bolsonaro-abaixa-mascara-de-menino-e-pede-para-menina-retirar-protacao-contr-o-coronavirus-no-rn-assista.shtml>
<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-13/diretor-da-pfizer-escancara-atraso-letal-do-governo-bolsonaro-na-compra-de-vacinas.html#>
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/entenda-como-o-governo-despejou-esforcos-com-cloroquina-e-outros-remedios-sem-eficacia-contr-a-covid.shtml>
<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/15/bolsonaro-insiste-em-tratamento-precoce-sem-comprovacao-contr-a-covid-estudos-mostram-que-nao-ha-prevencao-contr-a-doenca-com-ajuda-de-medicamentos.ghtml>

quem morre e depois, tendo despertado, conta sobre essa morte; como alguém que tivesse atravessado uma morte e testemunha sobre essa travessia. Expressa ainda o medo que habitualmente acompanha a travessia adolescente, as diversas angústias próprias dessa passagem. Acordar antes de ter certeza de que morreu talvez anuncie o despertar para um novo tempo, acompanhado do susto de um despertar súbito, sem clareza do que restou de si depois da infância, ou do que restou de infantil em si.

Os sonhos nos dão notícias da travessia da noite, tarefa que é preciso enfrentar cotidianamente. O fantasma da noite é a aproximação com nossos próprios fantasmas, fantasias e desejos silenciados. Os sonhos ecoam as forças subjacentes que tentamos recalcar, nossos conflitos mais caros, nossos paradoxos. Disfarçado pelo trabalho de deformação, o conteúdo onírico carrega os restos, que ficam à margem da consciência. Carregam, pelo seu caráter linguageiro, uma polissemia significativa – o que significa que os elementos oníricos estão abertos a qualquer possibilidade de significação, mas sempre a partir da rede significativa de onde cada sonhador recolheu seus resíduos. Com o intuito de dirigir o olhar para esses restos, o *Inventário de Sonhos* apresenta-nos o universo onírico de muitos sonhadores, através dos quais podemos escutar testemunhos da travessia da pandemia. Traçadas essas linhas iniciais como disparadoras dessa pesquisa, tomamos os sonhos de adolescentes do acervo do *Inventário de Sonhos* como o material empírico a partir do qual investigamos as possíveis especificidades da travessia da adolescência durante o contexto pandêmico no Brasil.

O projeto *Inventário de Sonhos*, e na mesma esteira o presente estudo, tem como uma referência importante a inspiração na obra de Charlotte Beradt, *Sonhos no Terceiro Reich*. Entre 1933 e 1939, durante o período de ascensão do nazismo na Alemanha, a jornalista recolheu de forma sigilosa sonhos de cidadãos alemães. Somente em 1966, Beradt publicou esses “sonhos ditados pela ditadura”, que dão a ver o intenso trabalho psíquico dos sonhadores buscando algum contorno frente ao abismo em que se encontravam. São narrativas oníricas carregadas de angústia, vergonhas, medos, desejos, que dão testemunho da existência humana sob o totalitarismo. Beradt compreendeu que esses sonhos funcionavam como uma espécie de sismógrafos, registrando minuciosamente os acontecimentos daquele contexto sócio-histórico, “interpretando a estrutura de uma realidade prestes a se tornar um pesadelo” (Beradt, 2022, p. 31).

Portanto, colocamo-nos aqui a escutar esses sonhos, guiados pela atenção flutuante, direcionando o olhar para as interrogações que nos são despertadas e abertos às transmissões possíveis desse emaranhado de narrativas oníricas sobre ser adolescente no Brasil em tempos de pandemia. Com base na escuta psicanalítica, o que nos contam essas narrativas oníricas sobre

enfrentar a pandemia desde a condição adolescente? Nesse recorte do acervo, pode-se reconhecer temas transversais que atravessam os diferentes sonhos e sonhadores? Que ecos podem ser escutados da figura do Outro, do social de onde decantam os significantes do sonho?

Acordar antes de ter certeza – aqui reside a possibilidade de manter a dúvida. A certeza é a morte. Já a incerteza é prolífera pelo seu caráter de abertura, que permite o relançamento a um outro tempo, a outras narrativas, a outros desdobramentos de vida e de possibilidades de ser. Seguindo a pista desse primeiro sonho escolhido, tentaremos enfatizar o despertar antes da certeza. Buscamos sustentar uma abertura de sentidos, sem a pretensão de interpretações unívocas e completas, destacando as potencialidades de sustentar interrogações.

Ciente da necessidade das associações que o próprio sonhador fornece para os elementos do conteúdo manifesto na interpretação do sonho, reconhecemos aqui uma diferença importante do trabalho com os sonhos em análise, em que temos o sonhador em presença para fornecer os elos intermediários entre os conteúdos manifestos e os conteúdos latentes do sonho, através do trabalho associativo. Temos aqui uma condição que demarca uma importante limitação desse estudo: tendo em vista que os sonhos foram doados anonimamente, sem possibilidade de acessar o doador, contamos somente com as associações relatadas no momento da doação, como resposta à pergunta que questionava as associações que o sonhador faz do sonho relatado com a pandemia.

Apesar dessa limitação, partimos da consideração de que nesse enredo onírico há algo de paradigmático do que se estava vivendo no período de pandemia no Brasil. Compreende-se que esse acervo comporta uma riqueza de dados irrepetíveis, podendo servir como testemunho de uma época. Reconhecemos o valor dos sonhos para a compreensão dos fenômenos psíquicos e sociais e apostamos na relevância de escutar os sonhos de adolescentes que compõe o *Inventário de Sonhos*, considerando sua expressiva possibilidade de transmissão de uma experiência delimitada no tempo e no espaço, ao mesmo tempo em que essa experiência abrange a coletividade, transcendendo a experiência individual. Buscamos operar uma leitura na direção de produzir aberturas, acolher interrogações e caminhos de pensamento e entendimento sobre a passagem adolescente, a partir do que é enunciado nas narrativas dos sonhos.

1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral da pesquisa é investigar os sonhos de adolescentes que compõem o acervo *Inventário de Sonhos*, impulsionados pela interrogação sobre a travessia adolescente em

meio à travessia da pandemia de COVID-19 no Brasil, destacando as especificidades da condição adolescente na experiência de atravessar a pandemia, bem como as implicações da pandemia no atravessamento da passagem adolescente. Fundamentados na teoria freudolacanianana, compreendemos o sonho como produção do inconsciente, que opera como um recurso para realizar a travessia da noite, e cujas narrativas compreendem possibilidades de transmissão da experiência compartilhada em um determinado contexto histórico e social.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Investigar o que os sonhos de adolescentes testemunham da experiência de ser adolescente circunscrita no espaço-tempo da pandemia de COVID-19 no Brasil.
- b) Discutir a função do ato de sonhar durante um tempo de pandemia, em especial para os adolescentes.
- c) Contribuir para o campo psicanalítico na pesquisa sobre sonhos e sua relação com a pandemia.

2. ATRAVESSAR A NOITE: fundamentação teórica

Como são ricas as margens da noite, com seus entes misteriosos, que proliferam desse negro vazio sem fundo. Terra dos sonhos e dos medos, às vezes terrores, nele a morte aparece um pouco mais perto, mais envolvente e mais sedutora.

Jean-Bertrand Pontalis, 2012.

Atravessar a noite é tarefa cotidiana universal. A noite costuma ser território de medos e angústias. Dormir é deixar-se em suspensão, permitindo o rompimento das relações do eu com o mundo exterior. O estado psíquico de quem dorme, esclarece Freud (1915/2010), é caracterizado pela retração quase total do mundo que o cerca, que durante o sono não lhe desperta interesse.

... toda noite o ser humano tira os panos que cobriam sua pele, e talvez ainda as peças complementares de seus órgãos [...] Podemos acrescentar que ao adormecer ele realiza um desnudamento análogo na psique, renuncia a maior parte de suas aquisições psíquicas e efetua assim uma extraordinária aproximação, dos dois lados, à situação que foi o ponto de partida de seu desenvolvimento vital. Somaticamente, dormir é uma reativação da estadia no ventre materno (Freud, 1915/2010, p. 152).

Ao tratar da problemática do sono, Pereira (2021) situa que os quadros de insônia estão relacionados à enorme ameaça que representaria ao eu a perda de seus limites durante o adormecer, o que equivaleria a uma morte no plano psicológico. Enfrentar o escuro implica, pois, enfrentar a própria obscuridade. Essa travessia não é sem custo: é preciso despende um pagamento a cada noite, como as moedas que se deve pagar a Caronte⁹. Abandonar o estado de vigília é entregar-se ao escuro de si mesmo. É preciso despir-se dos contornos mais ou menos seguros da consciência. Essa travessia é com frequência povoada por imagens e afetos, na forma de sonhos.

Blanchot define a noite como uma experiência do vazio. “A noite é aparição do ‘tudo desapareceu’” (Blanchot, 2023, p. 5). Os sonhos, assim como as aparições e os fantasmas, são uma alusão a essa noite vazia, na tentativa de preenchê-la. Ele enuncia:

O fantasma está lá para esconder, apaziguar o fantasma da noite. Os que creem ver fantasmas são aqueles que não querem ver a noite, que a preenchem com o susto de pequenas imagens, a ocupam e distraem fixando-a, detendo a oscilação do eterno recomeço. Isso está vazio, isso não existe, mas revestimos isso de uma espécie de ser, encerramo-lo, se possível, num nome, numa história e numa semelhança (Blanchot, 2023, p. 6).

Os sonhos são como fantasmas que cumprem uma função de contornar o real, de nomear o inominável, de dizer o indizível, ao mesmo tempo desviando do vazio e circunscrevendo-o. São um recurso para enfrentar a “noite vazia”. São notícias cifradas de desejos, de restos condensados e deslocados, rejeitados à luz do dia, mas que insistem em não desaparecer. Há uma riqueza de pensamentos inconscientes que lutam por expressão nos sonhos, já nos apontava Freud em 1900 (1900/2019).

2.1 SONHOS E PSICANÁLISE

O fundador da psicanálise dedicou-se a investigar o que se passa com a psique durante essa travessia da noite, demonstrando especial interesse nas peculiaridades do sonho. Ele parte da consideração de que, durante o sono, o Eu paralisa momentaneamente suas funções de governar. O adormecimento é acompanhado de uma renúncia ao controle intencional sobre a

⁹ Na mitologia grega, Caronte é o barqueiro responsável pelo rotineiro e infundável trabalho de transportar as almas dos mortos para o mundo de Hades, atravessando o Rio Aqueronte, rio limítrofe para o inferno.

sequência das representações da nossa atividade psíquica. Dedicando-se a analisar os sonhos, Freud escutou-os de uma forma nova; elaborou e reelaborou a teoria psicanalítica deixando-se atravessar pelo saber inconsciente, escutando os sonhos de seus pacientes e também prestando atenção em seus próprios sonhos. Foi rigoroso com essa escuta, buscando superar suas próprias resistências, atento ao cuidado com que o manto do sonho era tecido.

À interpretação dos sonhos associamos a fundação da psicanálise, em 1900, e com ela continuamos ainda hoje a reconhecer o seu fundamento e a operar com essa proposição: a de que os sonhos são a via régia¹⁰ para o inconsciente, ou seja, a via principal para acesso às atividades da vida anímica. Costuma-se qualificar o sonho como incoerente, onde coabitam as maiores contradições. Freud avança na teoria sobre os sonhos ao reconhecer que, apesar de parecerem incoerentes e contraditórios, eles não são desprovidos de método. Isso ocorre porque há um trabalho do sonho, que envolve processos pelos quais os pensamentos oníricos latentes se transformam no conteúdo manifesto do sonho. Através de mecanismos de deformação, como condensação e deslocamento – orientados pelo princípio do prazer, embora sujeitos de forma secundária ao mecanismo da censura –, a produção onírica é uma edição de lembranças e reminiscências, conjugadas em cenas. A condensação decorre de uma compulsão do sonho a combinar diversas vivências em uma unidade. As representações do sonho são, portanto, formas condensadas, deslocadas, conjugadas em imagens, de pensamentos oníricos (Freud, 1900/2019).

Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo. Freud utiliza-se, na epígrafe de *A interpretação dos sonhos*, dessa citação, extraída da obra *Eneida*, de Virgílio, para metaforizar a dinâmica do sonho. Traduzida por “Se não posso dobrar os poderes celestiais, agitarei o Inferno”, essa frase serve-lhe para exprimir a ideia de que “o desejo que é repellido pelas instâncias psíquicas superiores (o desejo recalcado no sonho) agita o submundo psíquico (o inconsciente), a fim de se impor” (Freud, 1900/2019, p. 662). É assim que Freud nos apresenta a interpretação dos sonhos como a estrada real através da qual é possível dar um passo a mais para o conhecimento do inconsciente, a partir do reconhecimento de que todo sonho, a despeito do conteúdo indesejado, é a realização disfarçada de um desejo inconsciente.

O caráter enigmático e por vezes absurdo do sonho é resultante então do trabalho onírico de elaboração que, motivado pela censura, opera deformando os pensamentos oníricos, com o intuito de camuflar o desejo realizado no sonho, tornando-o irreconhecível (Freud, 1900/2019). Os pensamentos oníricos e o conteúdo onírico são como duas versões em linguagens diferentes,

¹⁰ Via régia: estrada real, por onde passavam os reis; a via principal, com acesso mais rápido.

ao modo de um *rébus*, um enigma pictórico. Nesse sentido, Freud sustenta que não existem instigadores de sonho indiferentes e, portanto, não existem sonhos inofensivos, apontando para o disfarce dos sonhos e reforçando o caráter de realização de desejos que o sonho comporta. Tudo é determinado de modo inequívoco; nada, dos diversos elementos oníricos, é entregue à arbitrariedade. Inclusive as edições sofridas em estado de vigília, que Freud denominou de elaboração secundária do sonho, não são ao acaso, estão a serviço da censura.

Portanto, os pensamentos oníricos, por trazerem à tona desejos recalçados, passam por esse processo de deformação, decorrente do ato de censura do supereu. Com o intuito de desviar da censura, o deslocamento do investimento psíquico ocorre por via dos elos intermediários. Freud (1900/2019) chama de “associações superficiais” a ligação que vincula duas representações, seja por assonância, ambiguidade verbal ou coincidência temporal sem relação interna de sentido, como as associações presentes nos chistes e nos jogos de palavras. Sob a pressão da censura, as associações superficiais, aparentemente absurdas, substituem as associações profundas quando estas são impedidas de seguir o seu fluxo. É essa noção que Lacan (1966/1998) posteriormente vai designar como significante, um elemento de linguagem inconsciente que não porta um sentido unívoco, fixo, mas que tem um caráter polissêmico.

Não me lembro muito desse sonho. O início do relato onírico *Rosto não humano*, que veremos a seguir, é semelhante a tantos inícios de narrativas oníricas, e toca em um ponto fundamental dos sonhos, o esquecimento, operação que cumpre uma função tanto na formação onírica quanto em sua posterior rememoração, após acordar, decorrente da manobra da censura. Segundo Freud (1925/2011), os sonhos de que nada sabemos dizer após despertar são aqueles que melhor cumpriram a sua função. Se lembramos os sonhos, o autor acrescenta, isto significa “uma irrupção do inconsciente reprimido no Eu normal” (Freud, 1925/2011, p. 320), uma espécie de desvio da censura, e ressalta que é justamente essa irrupção que confere ao sonho sua importância para a psicopatologia.

Além da intervenção pela instância censuradora, responsável pelo esquecimento dos sonhos, Freud apontou, já em 1900, para um ponto que permanece obscuro até mesmo nos sonhos mais bem interpretados, como um novelo de pensamento oníricos que não é possível desembaraçar. A esse ponto insondável do sonho ele chamou de “umbigo dos sonhos”, “ponto em que ele se assenta no desconhecido” (Freud, 1900/2019, p. 575). Lacan (1954-1955/2010) fala desse ponto como o que não cessa de não ser conhecido, que não pode ser conhecido, que resiste à simbolização.

Lacan retoma o sonho da injeção de Irma, um sonho do próprio Freud, trabalhado por ele na *Interpretação dos sonhos* (1900/2019), que ganhou o estatuto de sonho inaugural da

nascente psicanálise, o sonho dos sonhos – a partir do qual circunscreve alguns desenvolvimentos. Nesse sonho de Freud, aponta Lacan, o que aparece na imagem do fundo da garganta de Irma é em última instância a revelação deste algo de inominável. A boca que se abre (metáfora para falar) leva Freud a se angustiar com um ponto obscuro no fundo da garganta, preocupado com o que não está vendo (um medo de negligenciar a saúde física da paciente). É nesse momento que a imagem apresenta uma fissura, algo que denuncia a sua insuficiência. Trata-se do aparecimento angustiante que se pode chamar de revelação do real, aquilo para o que não há mediação possível, imaginária ou simbólica, o “objeto primitivo por excelência, o abismo do órgão feminino, de onde sai toda a vida, e o vórtice da boca, onde tudo é tragado” (Lacan, 1954-1955/2010, pp. 223-224).

Lacan assume que o verdadeiro valor inconsciente desse sonho reside na busca da palavra: “a busca da palavra, o enfrentamento direto com a realidade secreta do sonho, a busca da significação como tal” (Lacan, 1954-1955/2010, p. 218). A orientação lacaniana, que se fundamenta na freudiana, para a interpretação dos sonhos, bem como para a escuta clínica na direção do tratamento, refere-se à atenção ao modo de tropeço pelo qual o inconsciente aparece, pois ele se manifesta como uma vacilação, um corte do sujeito. Assim, é preciso ler os jogos de significante, as descontinuidades no discurso (Lacan, 1964/2008).

Assim Lacan aborda o sentido simbólico desse sonho, ao destacar a dupla aceção da palavra “solução”, tanto como a solução que se injeta como a solução de um conflito. Ele toma o conjunto deste sonho e a interpretação que Freud faz dele destacando a operação de leitura do significante. Lacan reforça que o método psicanalítico consiste em partir do texto do sonho como uma escritura sagrada: “uma voz que não é senão a voz de ninguém faz surgir a fórmula da trimetilamina, como a derradeira palavra de que se trata, a palavra de tudo. E esta palavra não quer dizer nada, senão que é uma palavra” (Lacan, 1954-1955/2010, p. 232). O que Lacan faz é levar à risca o ensinamento de Freud: dar importância a cada nuance da linguagem em que o sonho foi apresentado. E quando é apresentado um texto absurdo ou insuficiente, deve-se respeitar também essas falhas na expressão. “Em suma, tratamos como escritura sagrada aquilo que para outros autores seria uma improvisação arbitrária, juntada às pressas no alvoroço do momento” (Freud, 1900/2019, p. 563).

Garcia-Roza amplia a noção de umbigo do sonho freudiano – um ponto insondável, limite da interpretação, um mais-além da representação – para a noção de umbigo da própria linguagem. Esse é um índice evidente da alteridade e da incompletude (Garcia-Roza, 2008, apud Milmann et al., 2023). Há algo na palavra, na representação, que supera, ultrapassa o limite da representação. Milmann et al. (2023) entendem que esse ponto limite da interpretação

é ao mesmo tempo causa do trabalho do simbólico e seu efeito. A partir do impossível de dizer, colocamo-nos a falar; falando, damos novos contornos ao impossível, reafirmando-o, e não o debelando.

Freud (1900/2019) destacou a função que o sonho cumpre de guardião do sono. Em *Alguns complementos à interpretação dos sonhos* (1925/2011), ele sublinha essa função utilitarista do sonho, a de evitar a perturbação do sono, caracterizando-o como “uma porção de fantasia a serviço da preservação do sono” (Freud, 1925/2011, p. 319). Há uma espécie de dobradiça, uma formação de compromisso entre desejo inconsciente e desejo de dormir, que corresponde ao compromisso entre desejo e censura (Koretzky, 2023). Ainda que seja um sonho terrorífico, ele é seu guardião, e não seu perturbador. Em cenários oníricos, não é incomum atravessar a noite mobilizado por afetos angustiantes, fugindo de perseguições, sofrendo ataques, enfrentando lutas. O seguinte relato onírico, *Rosto não humano*, foi doado para o *Inventário de Sonhos* por uma adolescente de 18 anos, e nele é possível reconhecer uma narrativa carregada de angústia:

SONHO: Não me lembro muito desse sonho, porque faz tempo. Mas o que eu recordo: era de noite e eu estava correndo pela casa porque alguém estava me perseguindo. Tentei ligar para a polícia, mas quem atendeu foi um homem. Era a pessoa que me perseguia. E do nada ele estava lá, com um machado nas mãos. Só que o rosto dele não era humano, e nem uma máscara clichê de filme de terror. Eu não me lembro o rosto dele, mas eu acordei chorando só de pensar nele.

ASSOCIAÇÃO: Talvez tenha relação com o pânico da época? Talvez o tal perseguidor fosse o vírus? Eu não sei dizer.

Sonho *Rosto não humano*, gênero feminino, 18 anos, sonhado em 10/04/2020.

Se os sonhos são fundamentalmente realização de desejo, e tem por função zelar o sono, como explicar a cena angustiante desse e de outros sonhos doados para o *Inventário*? Em meio à vivência da pandemia, um tempo de muitas privações, sofrimentos e grande ameaça à vida, qual o sentido de que o sono seja embalado por histórias terroríficas, ao invés de situações apaziguadoras? Replicamos aqui a pergunta que Freud se fez ao se deparar com os sonhos de soldados que voltavam da guerra e narravam sonhos traumáticos (1920/2010). Freud não considera óbvio que os sonhos dos que sofrem de neurose traumática os levem de volta à cena do acidente, dos quais despertam com renovado terror. Se a tendência realizadora de desejos do sonho é válida, ele pergunta-se como pensar a função do sonho nesses casos.

Como o *fort-da* da criança que encena a ausência da mãe, repetindo ativamente no jogo uma vivência desprazerosa que passivamente sofreu, Freud (1920/2010) entende que há no domínio do princípio do prazer meios para tornar objeto de recordação e elaboração psíquica o que é em si desprazeroso. Contudo, nesse momento do desenvolvimento teórico da psicanálise, Freud faz uma virada conceitual, ao apontar para tendências além do princípio de prazer a reger os processos psíquicos. Há na vida psíquica uma compulsão à repetição, que sobrepuja o princípio do prazer, como se pode perceber tanto nos sonhos das vítimas de neurose traumática quanto no impulso que leva as crianças a brincar. Os sonhos submetidos a uma compulsão à repetição insistem na tentativa de ligar a energia livre decorrente do excesso de estímulo, um excesso traumático, causado pelas experiências da guerra. É nesse ponto que Freud opera a inserção da pulsão de morte na economia psíquica, essa outra lógica que comanda o sujeito. Trata-se, destaca Queiroz (2023), de uma repetição que comanda a cadeia de linguagem em busca de uma possível inscrição.

Freud debruçou-se sobre um sonho em que um pai, que passara dias cuidando de seu filho doente, então em seu velório, pegou no sono enquanto descansava no quarto ao lado do que estava o corpo do filho a ser velado. Ele sonhou então que o filho vem até ele e diz: “Pai, não vês que estou queimando?”. Ao acordar, ele vê o clarão do fogo vindo do quarto ao lado e percebe que uma vela caíra, provocando um incêndio junto ao corpo do filho. Freud, ao trabalhar esse sonho, sustenta que o pai prolonga a vida do filho morto, visto que o filho vive no sonho, caminha até o pai e a ele profere palavras, assim realizando seu desejo de ter o filho vivo novamente.

Lacan (1964/2008), quando retoma esse sonho, discorre sobre a revelação do real que o despertar traumático opera, o real que comanda nossas atividades. Um sonho “desperta justamente no momento que poderia deixar escapar a verdade, de sorte que só acordamos para continuar sonhando” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 54). Ou seja, acordamos para não encarar a verdade que, em um breve desvio da censura, logo torna a escapar. Koretzky (2023) esclarece que, onde Freud entendia que sonhamos para continuar a dormir, Lacan entendeu que é para continuar a sonhar que despertamos, para “sonhar imersos nas representações e nos discursos que tecem a realidade” (p. 139).

Caruth (2000) dedica-se a pensar as modalidades do despertar traumático, desdobrando os entendimentos sobre esse mesmo sonho. Propõe que ele dramatiza “a história de repetição de uma *falha* em responder adequadamente, a falha de não ter olhado a criança em sua morte” (p. 125). Ele encena “a impossibilidade de responder adequadamente ao apelo da criança em sua morte”, à medida que o pai acorda para a morte da criança tarde demais (Caruth, 2000, p.

127). Assim, trata-se de um sonho que alude ao encontro sempre faltoso com a realidade. É isso que o sonho revela: o encontro com o real estabelecido em torno de uma impossibilidade inerente. Ele situa o dilema ético básico da consciência, “essencialmente relacionado à morte e, mais particularmente, à morte do outro”, conforme esclarece Caruth (2000, p. 127) a respeito da leitura lacaniana desse sonho – trata-se da “história de uma responsabilidade impossível da consciência, em sua própria relação originária com os outros e, mas especificamente, com as mortes dos outros” (Caruth, 2000, p. 127).

Acordar, pois, é suportar o imperativo de sobreviver, como aquele que tem de contar o que significa não ver, e também o que significa escutar as palavras impensáveis da criança que morre, destaca Caruth (2000). É como se a criança dissesse ao pai: acorde e sobreviva para contar a história do meu queimar. Temos aqui enlaçada à função do sonho a função de testemunho da tragédia de sobrevivência do pai, esse que testemunha uma morte à qual sua vida está intrinsecamente vinculada. A relação da psique com o real não é sobre uma questão de ver ou saber a natureza de eventos empíricos, daquilo que pode ser conhecido ou não sobre a realidade, “mas como a história de uma responsabilidade urgente, ou como aquilo que Lacan define como uma relação ética com a realidade” (Caruth, 2000, p. 124).

É isso que Freud movimentava com sua teorização que parte dos sonhos, depois avança com a noção de pulsão de morte, que se faz ver na compulsão à repetição traumática, e que Lacan arremata: o sonho como forma de dar contorno à insurgência do real, esse ponto inominável, intraduzível. Como se revela no sonho da injeção de Irma, há um “ponto de angústia, onde o sujeito se depara com a experiência de seu rasgamento, de seu isolamento com relação ao mundo. A relação humana com o mundo tem algo de profundamente, inicialmente, inauguralmente lesado” (Lacan, 1954-1955/2010, p. 228). A vida é assim atravessada por uma dimensão mortífera que lhe escapa, enquanto simultaneamente a constitui e a define. E disso é preciso ser testemunha. Eis a posição ética da psicanálise, necessária para sustentar a leitura do acervo de sonhos no período pandêmico.

Na associação do sonho *Rosto não humano*, o sonhador se pergunta: “talvez tenha relação com o pânico da época?”. Essa interrogação nos convida a reconhecer a influência de cada tempo na construção onírica, explicitando e endossando aqui o nosso tema de pesquisa.

2.2 SONHOS E CULTURA – dimensão coletiva do sonhar

Em *Mal-estar na cultura*, Freud (1930/2010) discorre sobre o nosso sentimento de eu, que nos aparece como algo autônomo e unitário, distintamente marcado de tudo mais. Porém,

logo avança apontando para o equívoco dessa distinção aparente, pois as linhas de demarcação do eu com o exterior não são tão nítidas, não havendo uma delimitação permanente nas bordas dessa fronteira. A experiência do inconsciente torna nebuloso o limite entre o eu e o outro, mantendo uma espécie de rachadura do eu. Enquanto ser de linguagem, o ser falante é um ser dividido, alienado em sua inevitável dependência do Outro e da linguagem. Disso decorre que os impasses sociais atravessam o sujeito desde o seu mais íntimo. Os sonhos fazem parte da mesma realidade factual da vida de vigília, tendo em conta que a realidade, onírica ou não, é uma ficção simbólico-imaginária sobre o real, como ressalta Dunker (Beradt, 2022), esclarecendo que “o real não é concreto ou abstrato, racional ou irracional: o real é” (p. 16).

Recordamos a afirmação categórica de Freud (1900/2019) de que os sonhos são absolutamente egoístas, ou seja, todo sonho e todos os elementos do sonho tratam da pessoa do sonhador. Lacan (1954-1955/2010), ao retomar a ideia de que, em um sonho, o sonhador está em todos os lugares, esclarece que o eu é a soma das identificações do sujeito. Assim, os personagens do sonho são personagens da identificação na qual a formação do eu reside. Ele vai usar o termo *multidão* para falar da pluralidade imaginária do sujeito, pelo espelhamento, pelo desabrochamento das diferentes identificações do *ego*.

Lacan (1954-1955/2010) esclarece ainda que o inconsciente não é o *ego* do sonhador, conforme nos mostra a estrutura do sonho. É o “sujeito fora do sujeito que a estrutura toda do sonho designa” (1954-1955/2010, p. 217). Quando aborda o sonho da “injeção de Irma”, explicita que o que está em jogo na função do sonho se acha para além do *ego*.

Se há uma imagem que nos poderia representar a noção freudiana do inconsciente é justamente esta de um sujeito acéfalo, de um sujeito que não tem mais *ego*, que é extremo em relação ao *ego*, descentrado em relação ao *ego*, que não é do *ego*. E, no entanto, ele é o sujeito que fala, pois é ele quem faz proferir a todos os personagens que estão no sonho estas falas insensatas (Lacan, 1954-1955/2010, p. 228-229).

Esse entendimento é crucial para a nossa leitura da experiência onírica, considerando o sujeito do inconsciente a partir dos efeitos de linguagem a que está submetido e dos quais é efeito. O inconsciente é aquilo que no sujeito é do sujeito e não é do sujeito (Lacan, 1954-1955/2010). Portanto, o sonho é fundamentalmente efeito do que se passa para além do *ego*. Quando Lacan (1954-1955/2010) fala da *multidão*, a partir da análise do sonho da injeção de Irma, ele apresenta a noção de imisção dos sujeitos – os sujeitos entram e se intrometem –, situando um fenômeno inconsciente que se desenrola num plano simbólico, descentrado como

tal em relação ao ego, que ocorre sempre entre dois sujeitos. Tal perspectiva de leitura do inconsciente serve-nos, portanto, para orientar nossa postura na interpretação dos sonhos.

Ana Costa (2006) destaca que as formas de representar os sonhos resultam de diferentes construções culturais. Na cultura ocidental, ganha relevo a intimidade, com uma significação individual, perdendo-se grande parte do sentido trágico e social que a suposição de um destino trazia. Beradt (2022) foi precursora no resgate da dimensão coletiva do sonho, apostando na força que ele tem para retratar mesmo o que ainda não encontrou sentido explícito na realidade. Os sonhos recolhidos pela jornalista alemã, publicados na obra *Sonhos no Terceiro Reich*, são compreendidos como diários noturnos que registram os acontecimentos socio-históricos, operando uma função equivalente aos sismógrafos. Como destaca Dunker, no prefácio dessa obra (Beradt, 2022), “sonho e loucura não são acontecimentos individuais privados, mas experiências intervalares entre o individual e o coletivo, entre o público e o privado” (Beradt, 2022, p. 16). Dunker não acredita que os sonhos sejam efetivamente capazes de adivinhar o futuro. Porém, reconhece-os como máquinas de produção de futuros possíveis. Ele costura o seguinte entendimento:

(...) se os sonhos são feitos de desejos e se nossos desejos são formados pelos desejos dos outros e pela nossa interpretação dos desejos desejados pelos outros e se o mundo se transforma, em alguma medida, em função dos nossos desejos, conclui-se que os sonhos são máquinas de produção de futuro possíveis, a partir de leituras do presente em sua relação com passados necessários para justificar tais futuros (Beradt, 2022, p.18).

Dunker lança uma hipótese de que esses sonhos coletados por Beradt, por estarem reduzidos a poucos detalhes biográficos, permitem uma experiência próxima e inquietante do leitor – possibilita que leitores produzam suas próprias associações diante de sonhos alheios (Beradt, 2022). Esse entendimento serve à nossa construção, pois partimos de sonhos anônimos e com mínimos dados biográficos para a proposição de leituras investigando as ressonâncias de uma realidade compartilhada.

Os psicanalistas Diana Corso e Mário Corso (2018) utilizaram-se do cinema para abordar a adolescência. Os filmes serviram-lhes para análise por retratarem de modo hiperbólico um tema ou um impasse, funcionando como espécies de “sonhos coletivos” compartilhados na tela. Tal perspectiva parte da consideração de que não somos movidos por um simbolismo único, individual, mas que a cultura é feita dos pontos em comum que compartilhamos (Corso & Corso, 2018). É interessante a analogia que podemos fazer sobre a

forma como reconhecemos aqui os sonhos do Inventário, como possíveis narrativas da adolescência brasileira em pandemia, testemunhando problemáticas compartilhadas por uma geração em um determinado tempo histórico.

Dunker afirma que os sonhos têm estrutura de ficção em dois sentidos: no aspecto de produção de imagens, como um filme privado onde são exibidas as mais íntimas tragédias existenciais; e também por remeterem-nos à suposição de um sujeito, retomando a aceção de *fictio* como hipótese – “assim os sonhos servem como hipóteses para quem puder se colocar no lugar de produtor desses sonhos” (Dunker, 2022, p. 17).

É porque os sonhos são um trabalho de linguagem que podemos aceder à sua leitura, reconhecendo sua potencialidade na investigação sobre o mal-estar em um contexto histórico específico e também sobre os recursos possíveis para lidar com esse mal-estar. Como bem explicitam Milmann et al., “no trabalho da linguagem estão contidas as causas e os encaminhamentos possíveis ao mal-estar que a cada tempo atravessamos, como sujeitos e como coletividade” (Milmann et al., 2023, p. 7).

3. METODOLOGIA

O que que tá acontecendo, ninguém tá prevendo mais nada, acabou, tá tudo acabando.

Trecho do sonho *No meio do furacão*, gênero feminino, 18 anos, sonhado em 21/05/2020.

O tom interrogativo e a imprevisibilidade que estão presentes nesse trecho da narrativa do sonho de uma jovem de 18 anos marcam o referencial metodológico psicanalítico no qual esta pesquisa está fundamentada. A metodologia da pesquisa psicanalítica encontra seu principal arrimo na posição ética de escuta do inconsciente. Pautando-se na consideração do sujeito como efeito de um saber inconsciente, a especificidade do método psicanalítico apoia-se na possibilidade de interpretação do que é desvelado do fenômeno que se estuda (Dockhorn & Macedo, 2015). Explicitaremos inicialmente o método de pesquisa psicanalítica e então procederemos à descrição metodológica do presente estudo.

3.1 MÉTODO PSICANALÍTICO DE PESQUISA

Na pesquisa psicanalítica, o sujeito de pesquisa, o objeto de pesquisa e os meios de investigação são simultaneamente descobertos e inventados (Dockhorn & Macedo, 2015).

Disso decorre a especificidade de uma estratégia que respeita a abertura aos improvisos e à consideração constante da dúvida, o que exige uma capacidade do psicanalista de interrogar-se. É essa a posição de escuta tomada pelo psicanalista-pesquisador, a de interrogação diante do desconhecido. A força desse delineamento metodológico está inscrita na proposta de interpretar elementos de um fenômeno sem a intenção de esgotá-lo, a partir da proposição de um conhecimento não dogmático.

Partindo da noção de só-depois, ou no relance – *après-coup*, em francês – na pesquisa psicanalítica não há uma hipótese prévia a ser testada. Disso decorre a abertura ao desconhecido, guiada pela atenção para a singularidade do fenômeno investigado, o que permite que o pesquisador seja surpreendido pelo que lhe aparece no transcorrer do estudo. Caon (1997) propõe a noção de serendipidade¹¹ como atitude e dispositivo para a situação psicanalítica, que se refere a um modo de encontrar sem saber o que se procurava. Para tanto, é necessário dispor de um olhar atento aos detalhes, ao modo da atenção flutuante, também chamada de equiflutuante, que se trata de uma atenção dirigida para todos os sentidos e em todas as direções, sem distinção hierárquica entre os diferentes elementos do discurso. Nessa perspectiva, o pesquisador detém-se perante os achados e as descobertas que, para o olhar da maioria, não passam de eventos corriqueiros e triviais (Caon, 1997).

O método psicanalítico consiste na escuta dos significantes, elementos de linguagem que estruturam o inconsciente. O recurso da interpretação busca ampliações de significados ao fenômeno estudado, como situam Dockhorn e Macedo (2015). É importante salientar, contudo, que “as interpretações produzidas jamais terão o objetivo de responder permanentemente e/ou circunscrever o fenômeno estudado” (p. 530). O objetivo consiste em “ampliar o olhar e promover uma abertura para novas compreensões do fenômeno”. Toda e qualquer interpretação é sempre provisória e parcial, relativa ao processo singular e irrepetível que a produziu (Figueiredo & Minerbo, 2006). Para toda situação, pode haver outra interpretação igualmente verdadeira e até mesmo mais útil, sem desfazer a primeira ou retirar o seu valor.

Dockhorn e Macedo (2015) situam a passividade intrínseca ao método psicanalítico, que implica deixar o objeto de estudo seguir seu próprio percurso, estando a atividade do pesquisador compreendida através da atenção flutuante e guiada pelas associações do sujeito. Isso tem relação com a postura de abstinência do pesquisador psicanalítico, uma postura de

¹¹ Serendipidade tem os seguintes significados: 1. aptidão de atrair a si acontecimentos favoráveis de maneira fortuita; dom de fazer boas descobertas por acaso. 2. acontecimento favorável que se produz de maneira fortuita; acaso feliz; descoberta acidental (Dicionários Porto Editora).

respeito ao desejo e à associação livre, o que não significa ausência de cuidados éticos ou rigor metodológico. Freud (1912/2010), nas suas *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*, indica como técnica “oferecer a tudo o que se ouve a mesma atenção flutuante” (p. 149) a fim de evitar seguir as próprias expectativas ou inclinações. Do contrário, ele alerta para o perigo de nunca achar senão o que já sabemos. É nesse sentido que Freud (1912/2010) sustenta que, em psicanálise, pesquisa e tratamento coincidem. Disso podemos depreender que, metodologicamente, manter a ética da psicanálise significa preservar a falta como causa do desejo, compreendendo a existência do inconsciente na concepção de sujeito.

Dockhorn e Macedo (2015) afirmam que a atividade clínica é o ponto de partida da pesquisa psicanalítica, mas entendem que o olhar investigativo sobre os padecimentos humanos pode ser conduzido para além do campo clínico. As autoras retomam Minerbo (2006, *apud* Dockhorn & Macedo, 2015), sustentando que pode haver pesquisas com o método psicanalítico fora do dispositivo analítico, podendo abordar fenômenos psíquicos e fenômenos socioculturais que ocorrem fora da situação psicanalítica em sentido estrito, visto que a dimensão clínica se dá em uma amplitude maior do que a situação da análise. Iribarry (2003) desenvolve a ideia de que mesmo uma leitura ou o trabalho com transcrições de entrevistas podem ser escutados a partir da atenção flutuante, considerando o campo transferencial do pesquisador com o material analisado. Considera-se, pois, a psicanálise como uma ferramenta válida como método de investigação dos fenômenos humanos, mesmo que esses não sejam oriundos da clínica. Trata-se de criar maneiras de problematizar e intervir nas expressões humanas por meio de estratégias técnicas ou metodológicas, delineando-se assim o conceito de uma psicanálise ampliada (Dockhorn & Macedo, 2015). Miriam Debieux Rosa também fala sobre fundamentar modos de escuta psicanalítica fora dos enquadres tradicionais, retomando a noção de psicanálise implicada. Trata-se de “perceber os modos como desejo e gozo são enredados na máquina do poder, de modo ao sujeito ter suspenso seu lugar discursivo” (2015, p. 11).

Ao abordarem a pesquisa em psicanálise, Lo Bianco e Costa-Moura (2013) associam o ato teórico à estrutura do ato analítico. Com isso, as autoras falam de uma decisão teórica necessária, que implica apostar no potencial de uma hipótese, responsabilizando-se por afirmar o que é indicado pela escuta. Tanto o ato teórico quanto o ato analítico emergem da posição ética de um sujeito que, por arriscar assumir em relação a esses atos uma posição de suporte, advém só depois como sujeito implicado nesse ato. Aqui vemos novamente a lógica do *a posteriori*, que retroativamente cria, simultaneamente, o objeto e o sujeito da pesquisa. Tal aposta pela escuta dos efeitos do inconsciente está sustentada em uma forma de relação com a verdade não toda e um saber que não se sabe a si mesmo. A imprevisibilidade, a não garantia,

o saber *a posteriori* e a responsabilidade são coordenadas estruturais do ato analítico e também servem como coordenadas para a pesquisa psicanalítica.

Todas essas prerrogativas do método psicanalítico fornecem-nos as ferramentas para a análise de sonhos, compreendidos como formações do inconsciente, produzidos por cada sonhador a partir da combinação de lembranças e pensamentos, conjugados singularmente através do trabalho onírico, marcado por um processo de deformação, que abrange mecanismos como condensação e deslocamento. O tecido onírico é então um tecido de linguagem, que se organiza a partir de uma rede de significantes, que *a priori* não significam nada especificamente, ao mesmo tempo que podem ser dotados de um sem número de significações¹².

Os sonhos têm seu lugar inscrito na origem da psicanálise. Para falar de método psicanalítico, é inevitável remontar ao desenvolvimento freudiano sobre a interpretação do sonho. O marco inaugural da teoria psicanalítica pode ser situado na interpretação que Freud (1900/2019) faz de um sonho seu, que ficou conhecido como o sonho da injeção de Irma. Lacan (1954-1955/2010) retoma esse sonho que mostra a essência da descoberta freudiana, o descentramento do sujeito com relação ao ego. Explorando “o sonho dos sonhos, o sonho decifrado de modo inaugural” (p. 201), Lacan toma o conjunto deste sonho e a interpretação que dele dá Freud, para demonstrar como o método psicanalítico opera a partir da leitura do significante. Lacan é enfático ao instruir que se deve “partir do texto do sonho e partir dele como um texto sagrado” (p. 209), mais do que dedicar atenção à psicologia do sonhador.

À pergunta sobre o sentido do sonho, a resposta é propriamente a maneira pela qual o sonho se enuncia – tal qual a “solução” no sonho de Freud, que contém dupla acepção, a solução é tanto a solução que se injeta como a solução de um conflito – eis o sentido simbólico desse sonho, que é também a direção do trabalho na interpretação dos sonhos. Como sustentam Milmann et al (2023), é preciso zelar pela abertura inventiva da linguagem de forma a restituir seu pulsar polissêmico, em contraposição à produção do sentido único: “não há outra palavra, outra solução ao problema (...), senão a palavra” (Lacan, 1954-1955/2010, p. 216).

Portanto, a leitura dos sonhos aqui abordados parte desse princípio: compreende sonhos como formações do inconsciente, produzidos singularmente, sujeitos a desdobramentos a partir da narração e das possibilidades do trabalho associativo. Considera-se o ato de doação do sonho inscrito em uma relação transferencial (com a pesquisa ou com o coletivo de pesquisadores), a

¹² No Seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964/2008) afirma que a interpretação não se presta a todos os sentidos. Com isso, ele reforça o valor da associação de cada experiência compreendida singularmente, para cada sujeito enredado em sua rede de significações.

partir do que nos autorizamos aqui a propor algumas chaves de leitura e de interpretação. Busca-se sustentar uma postura ética, através da atenção fluante, permitindo-se aberturas de sentidos e a sustentação de um olhar interrogativo para as questões que abrangem a adolescência e a experiência de travessia da pandemia.

Não nos ocupa a intenção de trabalhar todos os 45 sonhos selecionados, nem de esgotar as possibilidades de leitura e interpretação de cada sonho trazido para o corpo do trabalho. A escolha de cada sonho desdobrado aqui foi atravessada pela serendipidade que dirigiu a leitura/escuta, sem saber antecipadamente o que se buscava. Assim, o objeto da pesquisa foi-se revelando à medida que a pesquisadora, orientada por sua pergunta de pesquisa, sentia-se convocada por um ou outro sonho em especial, atravessada pela experiência do inconsciente, o que implica também reconhecer-se atravessada pela experiência do seu próprio inconsciente. Voltamos aqui a Caon (1997) quando este sustenta que, para o pesquisador psicanalítico nenhuma descoberta é sem intenção, visto que é sempre inconscientemente intencionada, ou seja, determinada pelo inconsciente. As descobertas aqui são acidentais e desejadas, porque atravessadas pela ética da psicanálise. A serendipidade é a postura que permite ao pesquisador psicanalítico encontrar e aprender (Caon, 1997).

Inscribe-se também como referência metodológica a já mencionada produção de Charlotte Beradt, *Sonhos no Terceiro Reich* (2022). Como referido acima, a autora apresenta-nos narrativas de sonhos de pessoas na Alemanha durante o período de ascensão do nazismo, considerando esses sonhos como uma espécie de parábolas, “quase panfletários” (Beradt, 2022, p. 29), à medida que apresentam registros minuciosos, como sismógrafos de um tempo, podendo ajudar a interpretar a estrutura de uma realidade. *Sonhos no Terceiro Reich* foi inspiração para o *Inventário de Sonhos* operar como um arquivo da vida coletiva nesse espaço-tempo histórico, e segue inspirando a produção do presente estudo.

Na associação do sonho *No meio do furacão*, cujo excerto foi relatado na epígrafe deste capítulo, a sonhadora escreve em meio às suas associações algumas linhas que tocam na importância de enxergar o que não se quer ver, apesar do perigo e do medo. É a isso que concerne o método psicanalítico de investigação:

Sabe, acho que nós estamos, muito ligados a questões...que talvez não exigissem tanta atenção, se trata de uns com os outros, mas parecemos estar focados em...coisas um tanto quanto, "irrelevantes" no momento. Quando ignoramos uma situação, que não se nega, mas que insistimos em dizer que não acontece, é mentir para você mesmo. Por isso eu tenho de enxergar, por mais que eu não queira ver, o que me traz perigo, embora o medo nos paralise.

3.2 INVENTÁRIO DE SONHOS

O projeto *Inventário de Sonhos* foi uma iniciativa dos psicanalistas brasileiros Denise Mamede e Paulo Endo e teve uma primeira edição em 2018, às vésperas das eleições presidenciais no Brasil. Era um momento em que o clima era de apreensão e medo, pois a ameaçadora possibilidade do retorno de uma ditadura se tornava assunto corriqueiro e urgente. Os sonhos foram enviados por e-mail. Sem o caráter anônimo, à época foram enviados poucos relatos, onde já era possível perceber o medo e a posição de risco em que alguns sonhadores se viram. “Risco de ter o seu corpo aniquilado, de sofrer injustiças. Também alguns limites emergiram naquela época: limites dos diálogos e das narrativas, da perda do valor das palavras” (Costa et al., 2020). Diante da pandemia de COVID-19, em março de 2020, retomou-se a ideia da pesquisa, gerando então a segunda e atual versão do projeto *Inventário de Sonhos*, dessa vez através de um formulário online anônimo.

3.3 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DO ESTUDO

Essa pesquisa atravessa diferentes tempos metodológicos. Inicialmente, insiro-me no coletivo de pesquisadores psicanalistas do Inventário de Sonhos, em agosto de 2020, momento em que já existe um acervo inicial de sonhos doados.

O instrumento de coleta foi um questionário elaborado pelo coletivo de pesquisadores, com caráter anônimo, constituído por 6 perguntas: 1. Qual a sua idade? 2. Qual o seu gênero? 3. Em que região você mora? 4. Qual a data (pode ser aproximada) do seu sonho? 5. Narre o seu sonho: 6. Que associações você faz entre o seu sonho e o momento de pandemia que estamos vivendo?

Como forma de consentimento informado¹³, constava na página do questionário uma apresentação do projeto com esclarecimentos sobre o uso dos dados coletados para fins de pesquisas e o caráter anônimo da coleta. O link para o questionário online¹⁴ foi divulgado pelas redes sociais dos pesquisadores e em contextos universitários, com alcance nacional. O questionário foi aberto em março/2020, durante as primeiras semanas de pandemia no Brasil, e seguiu aberto até janeiro de 2023. O acervo compõe-se de 1304 sonhos.

O trabalho do coletivo *Inventário de sonhos* compôs-se de reuniões entre os pesquisadores, acompanhamento dos sonhos doados (leitura individual de sonhos do acervo por

¹³ Ver anexo I.

¹⁴ Ver anexo II.

cada pesquisador, leituras compartilhadas em reuniões, gestão do acervo e organização dos dados), estudos teóricos, escrita e publicação de alguns textos – na tentativa de articular a experiência a um exercício de pensamento –, e participação em algumas atividades em instituições psicanalíticas. Em 2021, o acervo começou a ser preparado para a sua publicização (o que foi um norte dessa pesquisa desde o seu início) em dois museus virtuais: o Museu da Pessoa e o Museu das Memórias (*In*)Possíveis. Esse trabalho, do qual todos os inventariantes fizemos parte, abrangeu a organização dos dados recolhidos, a escolha de título para cada sonho, a definição de palavras-chave, a exclusão de sonhos duplicados (enviados em duplicidade no formulário), a categorização de sonhos de crianças e adolescentes e a categorização de *sonhos de querer*¹⁵, assim nomeado pelo coletivo quando se tratava de um “sonho acordado”, ou seja, um desejo consciente, um querer, e não do relato de um sonho noturno.

Em um segundo tempo, então, já inserida no Mestrado em Psicologia Clínica desta instituição, considerei essa pesquisa como uma oportunidade para trabalhar com esse material e avançar um pequeno passo, dando consequência à expectativa do coletivo ao tornar público o acervo, qual seja, permitir que pesquisadores se apropriem desse material para fins de avanços nas diversas esferas do conhecimento. Dentre os mais de 1300 sonhos do acervo, minha escolha metodológica foi trabalhar os sonhos de adolescentes que compõem o *Inventário de Sonhos*. Tal decisão parte de minha experiência no trabalho clínico com adolescentes, no Brasil, e os desafios que ele suscita, em especial a partir das adversidades que se precipitaram na especificidade dessa clínica durante a pandemia. Assim como todo o trabalho que se concebe psicanalítico, não posso me esquivar de reconhecer, na decisão teórico-metodológica, os ecos das minhas travessias noturnas, em especial das ressonâncias da minha própria adolescência.

Foram identificados no acervo 45 sonhos de adolescentes de idades entre 12 e 18 anos, relatados no período entre 15/03/2020 a 05/07/2022. Dentre esses, 8 sonhadores identificaram-se como sendo do gênero masculino, 36 do gênero feminino, 1 identificou-se como gênero não-binário. 80% desses sonhadores tem entre 16 e 18 anos.

Sobre o meu contato com o material empírico, estive imersa em todos os sonhos de adolescentes do acervo no intervalo entre abril de 2023 e fevereiro de 2024, enquanto circunscrevia a pesquisa em um enquadramento teórico. Em março de 2024, em consonância com o método que sustenta essa investigação, selecionei 16 sonhos (idades 14 a 18 anos, sendo 14 do gênero feminino e 2 do gênero masculino) que se destacaram a mim a partir das leituras

¹⁵ Inspiração na música *O Quereres*, de Caetano Veloso (1984).

teóricas realizadas e das diversas releituras desse material onírico. Atravessei esses sonhos e deixei que eles me atravessassem, e a seleção seguiu o critério transferencial de sentir-me convocada pelo sonho, a partir de questões evocadas por eles. A cada nova leitura teórica e a cada releitura do material onírico, fui reconhecendo outros sonhos que pudessem conversar com as questões já levantadas, e também fui percebendo outros elementos nos mesmos sonhos, até então ignorados. Elegi sonhos que me pareceram transmitir pontos nodais da passagem adolescente e da travessia da pandemia, e cujos textos/significantes pareciam-me transmitir elementos de uma experiência compartilhada, que dessem notícias da imbricação da experiência singular com a experiência coletiva. Os 16 sonhos estão distribuídos ao longo do texto desde o capítulo introdutório.

Para o trabalho de escrita, segui a instrução de Lacan, que relança o ensinamento de Freud: tomar o texto dos sonhos, levando em conta o texto inteiro, incluindo as associações que dele cada sonhador faz. A direção do trabalho se dá pelo recolhimento dos significantes que se destacam, ao modo do sonho-modelo trabalhado por Freud e da leitura que Lacan faz deste. Cabe salientar que me acompanhou a advertência de que há um ponto das associações, como lembra Lacan (1964/2008), onde o sonho vai-se inscrever no desconhecido, o que Freud (1900/2019) denomina de umbigo dos sonhos. Esse limite que esbarra no inominável, ao mesmo tempo que opera como uma dimensão limitante, também aponta para a riqueza do trabalho com os sonhos.

Por fim, destaco que os sonhos foram atravessando a construção desse escrito, não a fim de ilustração, mas abrindo caminhos de pensamento. Ao manter uma posição de leitura dos sonhos, busquei operar com a ideia de fazer o sonho falar. O trabalho foi se construindo com o decantar da experiência de imersão nos sonhos, o estudo teórico e o processo de escrita, simultaneamente.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ATRAVESSAR A PANDEMIA

Porque o sonho é memória, ressurreição do passado, por fragmentos; ele nega o desaparecimento, a irreversibilidade do tempo, conjura o esquecimento dos mortos.
Jean-Bertrand Pontalis, 2012.

A pandemia de COVID-19 foi oficialmente declarada pela OMS em 11 de março de 2020, pela ampla distribuição geográfica no mundo da doença que já havia sido considerada

uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional em 30 de janeiro de 2020. Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, ocorreram os primeiros casos de pneumonia decorrente da síndrome respiratória aguda grave, causada pela nova cepa do coronavírus humano SARS-Cov-2, responsável por causar a doença COVID-19 (OPAS).

A pandemia foi devastadora e deixou um rastro de inúmeras mortes, desencadeando medos e angústias. A disseminação do vírus e o risco de contágio impôs a necessidade de distanciamento social, o que exigiu a reconfiguração dos modos de vida. Esse cenário de ameaça à vida despertou sofrimento psíquico na população e gerou forte sensação de impotência e paralisia. Foi um corte na vida como ela costumava acontecer.

No Brasil, o cenário já catastrófico foi ampliado pela realidade política, em um período marcado por um governo em que imperava o negacionismo, o descaso com grupos minoritários, a desvalorização da ciência e das instituições de pesquisa (vide o atraso significativo na aquisição das vacinas, o desincentivo à população a se vacinar, o incentivo ao desrespeito das orientações sanitárias de medidas de proteção, como distanciamento social e uso de máscaras), além da postura de deboche em declarações do então presidente de extremo desrespeito à vida humana sobre a pandemia em curso¹⁶. Os dados epidemiológicos¹⁷ do país registraram 195.725 óbitos por COVID-19 no ano de 2020, e 423.349 óbitos por COVID-19 no ano de 2021 (CONASS). São números expressivos que retratam uma realidade assustadora.

Nesse cenário, o que nos contam as narrativas oníricas de adolescentes do *Inventário de Sonhos* sobre a travessia desse tempo de pandemia no Brasil? Replicando a interrogação de Dunker, “o que sonhar quando a realidade social diante de nossos olhos adquire os mesmos traços de irracionalidade, contradição e fratura de sentido que atribuímos aos pesadelos e à paranoia?” (Dunker, 2022, p. 19).

Outras pesquisas exploraram a relação da pandemia com os sonhos e a função de sonhar nesse período (Giovanardi et al, 2022; Margherita et al. 2021; Parello et al., 2021; Gorgoni et al., 2021; Guerrero-Gomez et al., 2021; Bryon, 2021). No Brasil, além do *Inventário dos sonhos*, cito o projeto *Sonhos confinados*, uma pesquisa multicêntrica que também investigou o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia (Dunker et al, 2021).

¹⁶ O então presidente Jair Bolsonaro usou as palavras histeria e fantasia para classificar a reação da população e da imprensa à pandemia; chamou de idiota as pessoas que ficam em casa, cumprindo o distanciamento social; imitou uma crise de asfixia em tom de deboche; fez declarações como “e daí, eu não sou cozeiro!”, quando questionado sobre o expressivo número de mortes por COVID e a falta de covas para sepulturas; em pronunciamento em rede nacional de televisão, minimizou a COVID-19, dizendo que “é só uma gripezinha”.

¹⁷ Até maio/2024, totalizam 712.090 óbitos por COVID-19 no Brasil: sendo 195.725 no ano de 2020; 423.349 no ano de 2021; 74.779 no ano de 2022; 14.785 no ano de 2023; 3.452 no ano de 2024.

Sabemos que as produções singulares de cada sujeito nesses diários noturnos são atravessadas pela experiência da coletividade. Como elaboraram Costa et al., 2020, “a maquinaria do sonho captura fragmentos da experiência e da memória de cada um, demarcando uma singularidade, mas o texto dos sonhos também dá a ver as urgências, os abismos e os desafios de cada época” (Costa et al., 2020). Iannini et al. (2021) destacam que, com a chegada da pandemia, nossos quadros referenciais tipicamente empregados para interpretar a realidade pareceram desmantelar-se, e a partir disso o que era conhecido carrega o tom de um *estranho familiar*, um misto de íntimo e desconhecido. A noção de *estranho familiar*, ou *inquiетante*, é proposta por Freud (1919/2010) para abordar aquilo que causa estranheza, mas ressoa em algo há muito familiar.

No sonho do *Rosto não humano*, apresentado no capítulo 2, há uma referência direta à pandemia quando a sonhadora associa ao pânico da época. Nesse sonho temos uma possível imagem (pelo negativo, não-imagem) do vírus. *O rosto da pessoa que persegue não era humano, e nem uma máscara clichê de filme de terror*. Na associação, a sonhadora indaga-se: *talvez o perseguidor fosse o vírus?* Esse sonho parece retratar a travessia de uma noite assombrosa, metáfora possível para a pandemia. A perseguição e a fuga acontecem dentro de casa. Temos o significante máscara, um clichê nos sonhos pandêmicos, aqui retratado pela lente singular da sonhadora, vinculado a um matiz terrorífico, próprio da pandemia. É um sonho que fala de medo, de angústia e da sensação de desamparo, que serve para testemunhar a experiência de atravessar a pandemia, enquanto simultaneamente também serve como um retrato da faceta mortífera que dominava a gestão da vida pública brasileira. *Tentei ligar para a polícia, mas quem atendeu foi um homem. Era a pessoa que me perseguia*. Aquela que deveria ser a figura protetora tornou-se a representação (des)humana do desamparo.

Viver a pandemia é potencialmente traumático pela falta de referentes simbólicos e imaginários que temos para essas situações inéditas. Além do sofrimento causado pela perda efetiva de pessoas, do estilo de vida cotidiana, de trabalhos, de rotina escolar, de vivências sociais, há também o medo despertado pela ameaça iminente dessas perdas possíveis. Diante de contexto tão árduo, o ato de chamar alguém que poderia proteger ou orientar e em resposta deparar-se com um inimigo é uma cena muito representativa do que se viveu no Brasil naquele período. Lembramos que o termo “desgoverno” era popularmente evocado para se referir à gestão pública naquela época, o que denota a sensação da população brasileira de estar à deriva.

Quando se fala em trauma psíquico, entende-se que há pelo menos dois tempos colocados nessa dinâmica. Além do abuso ou violência sofrida, adquire um matiz traumático o silenciamento imposto pelo agressor: não poder falar sobre o abuso sofrido, não ter reconhecida

a vivência traumática, nem se sentir protegido por quem poderia fazer frente ao abusador. Ferenczi amplia a noção de trauma, compreendida por Freud pelo caráter sexual, tomando o desmentido, a mentira e a hipocrisia do adulto em relação à criança como poderosas forças traumáticas. Ele entende que o trauma se inscreve com força quando a atitude do adulto desmente a violência sofrida pela criança, toma seu relato como fantasia e desautoriza sua fala (Favero & Rudge, 2009). O desmentido é o que fornece um contorno especialmente traumático, é o que permite que o trauma assuma sua faceta efetivamente desestruturante, impossibilitando a simbolização (Kupermann, 2019). Temos assim, com Ferenczi, a noção de mutismo traumatizante, quando o silêncio amplifica o efeito traumático (Evezonas, 2018).

Declarações que minimizam a crise sanitária e os riscos iminentes (“É só uma gripezinha”) ou expressões pejorativas em tom de deboche (“frescura, mimimi”) por aquele que ocupava um lugar de autoridade denunciam a não legitimação pelo poder público do sofrimento vivenciado pela população brasileira, intensificando o potencial traumático da pandemia. A figura pública de proteção (a polícia, no sonho) não só não protege como ataca. Vive-se a ampliação da condição de desamparo na ausência de uma proteção que só poderia ser feita numa dimensão pública, coletiva, deixando a cargo das individualidades a sobrevivência e o cuidado sobre si. Cabe destacar que na adolescência essa problemática fica acentuada, pois o jovem ainda se projeta de acordo com referências identificatórias, e ainda necessita com maior relevo que figuras de proteção zelem pela sua segurança.

Retomamos aqui o conceito de necropolítica, desenvolvido por Mbembe (2018), que designa uma política que opera pela “instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição de corpos humanos e populações” (Mbembe, 2018, p. 10-11). Mbembe (2018) apoia-se no conceito foucaultiano de biopoder – domínio da vida sobre o qual o poder exerce controle –, para avançar na proposição de que as formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte são regidas por uma política que regula a distribuição da morte. Considera a soberania como “a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é” (Mbembe, 2018, p. 41). Podemos reconhecer nesse sonho do *Rosto não humano*, como em alguns outros, essa faceta mortífera de uma necropolítica que permite que o potencial traumático da pandemia se inscreva com mais força nos sujeitos que a vivenciam.

Ana Costa, ao compartilhar seus próprios sonhos produzidos durante a pandemia na recente obra *O sonho da escrita dos sonhos* (2023), diz que viver e sonhar são uma e mesma coisa. Ela entende que “o sono se povoou de um sem número de sonhos, abrindo caminhos associativos, já que no cotidiano estavam fechados” (Costa, 2023, p. 16). Dunker levanta a

hipótese de que o sonhar necessita trabalhar de forma mais intensa para atingir o mesmo alívio onírico em situações sociais atípicas, de suspensão da ordem ou descontinuidade comunitária e institucional (Dunker, 2022). Percebemos que a intensidade das narrativas oníricas desse acervo transmite a força de elaboração psíquica demandada nesse período para tentar contornar o abismo da pandemia. Podemos constatar que o sonho *Correndo de quê?* apresenta elementos recorrentes em sonhos pandêmicos:

SONHO: Sonhei que estava correndo de um personagem de filme dentro de um jogo, e eu estava muito assustada e sozinha me escondendo dentro de uma casa.

ASSOCIAÇÃO: A associação mais próxima que consegui chegar foi que eu estava “correndo” com medo do coronavírus e tendo q ficar em isolamento em casa.

Sonho *Correndo de quê?*, gênero feminino, 18 anos, 15/06/2020.

A cena onírica demonstra a ameaça do vírus através da dinâmica de perseguição e fuga. Há novamente o elemento *filme*, que apareceu também no sonho *Água* (exposto na introdução), que diz de uma realidade que parecia ficcional. Lacan afirmava que a verdade tem estrutura de ficção (Lacan, 1956-1957/1995). Dunker (2022) retoma esse aforismo lacaniano e esclarece que é através dos modos narrativos da ficção que demonstramos como indagamos a verdade da realidade que se nos apresenta. E situa os sonhos como “ficções pelas quais criamos uma posição de verdade sobre a realidade, interpretando a natureza dos outros que nos cercam, a substância social e subjetiva de nossos conflitos com a própria realidade” (Dunker, 2022, p. 21).

O sonho *Correndo de quê?* expressa o afeto de medo (*assustada*), a sensação de solidão e a dimensão de clausura dentro da própria casa. Casa é um significante que costuma remeter-nos à ideia de amparo e proteção, porém inserido em um contexto de distanciamento social toma também, ao mesmo tempo, a dimensão de isolamento e privação, adquirindo uma significação de desamparo. Costa (2023) comenta sobre a privacidade dos espaços da casa se confundindo com espaços públicos pela onipresença das telas, o que resultou na perda do refúgio, restando um espaço que não mais diferenciava o privado e o público. Iannini et al. (2021) também destacam o elemento casa como muito recorrente nos sonhos confinados, em uma pesquisa relevante sobre os sonhos de brasileiros em tempos de pandemia, perguntando-se o que significa, afinal, *estar em casa?*

Vê-se claramente como a pandemia invadiu muitos sonhos. No sonho *Máscaras na água*, o relato inicia assim: *Diariamente sonho, mas a partir de maio eu comecei a lembrar da pandemia durante o sonho. Todos os meus últimos sonhos eu lembro da pandemia.* O que essa

sonhadora expressa é a impossibilidade de negar a realidade, constando no sonho uma representação direta da pandemia, sem disfarce, sem metáforas. Sonhos assim apontam para a dimensão repetitiva do traumático:

SONHO: Diariamente sonho, mas a partir de maio eu comecei a lembrar da pandemia durante o sonho. Todos os meus últimos sonhos eu lembro da pandemia. Antes de ontem sonhei que fui a uma casa de praia com uns amigos para passar o ano novo ou carnaval, na hora que fomos para a praia estava cheio de gente de boa e do nada me lembrei do covid-19; fiquei preocupada porque ninguém estava usando máscara e na minha cabeça passou vídeos de televisão onde falava que poderia usar máscara para entrar na água, mas minha consciência em sonho era tamanha que eu sabia que de nada adiantava usar máscara em água sendo que a partir do momento em que a máscara se molha ela não te protege. Hoje sonhei com coisas bizarras e no meio do sonho eu apareci com minha mãe em um laboratório, depois fui ver que a maioria estava fazendo teste da covid-19 e eu estava preocupada se ia doer para fazer o teste. Dias atrás sonhei que algum conhecido estava com covid ou estava com suspeita. Entre vários outros sonhos relacionados a pandemia que não consigo me lembrar no momento.

ASSOCIAÇÃO: Acho que tem a ver com a preocupação lá no fundo. Não só comigo, mas também com as pessoas no mundo. O fato de eu me lembrar que as pessoas tem que usar máscaras no sonho e que usar na água não vai adiantar nada, acredito que significa pelo fato de as pessoas onde eu moro não estarem usando tanto e inventarem coisas para reabrir os comércios e tudo mais. Aqui as festas continuam, as pessoas não conseguem entender o tamanho perigo. Entendo quem sai para trabalhar, até porque precisa por dinheiro em casa, mas e essas pessoas que não precisam trabalhar por serem sustentados ou aposentados e ficam saindo? Acho que meu sonho pode ser devido a minha tamanha indignação com isso.

Sonho Máscaras na água, gênero feminino, 17 anos, 17/06/2020

Minha consciência em sonho era tamanha que eu sabia (...). Modos corretos de usar a máscara, fazer teste da COVID-19 em laboratório, preocupação com o teste, suspeita de estar com covid, ter um conhecido com COVID. Como ela mesma associa, são muitas as relações diretas com a pandemia, que destacam o caráter repetitivo do trauma, ensaiando pequenas voltas de um longo e necessário trabalho de elaboração. Nesse sonho visualizamos o que Dunker salienta sobre situações de anomalia social, quando “o absurdo do cotidiano repetitivo avança sobre o trabalho onírico, como se entre vida onírica e vida de vigília não houvesse torção ou

descontinuidade” (Beradt, 2022, p. 21). A pandemia pode ser entendida como esse acontecimento traumático que avança sobre o trabalho do sonho.

Iannini et al. (2021) escrevem que um trauma, tanto do ponto de vista individual quanto do coletivo, situa-se na ordem de um acontecimento que excede nossos recursos simbólicos e nossos repertórios narrativos, excedendo ainda nossos esforços de dar nome a isso que subsiste como furo. Tal premissa fundamenta-se tanto na elaboração freudiana de repetição traumática – quando há um excesso de estímulos para os quais não dispomos de esquemas narrativos ou representações imagéticas que funcionem suficientemente como barreira protetiva –, quanto na proposição lacaniana sobre os limites da linguagem e certas impossibilidades de tradução de algumas experiências, o que Lacan nomeia de real.

São diversas as possibilidades do sonho nas tentativas de elaboração das experiências vividas. Avançamos aqui com o que compreendemos como um sonho paradigmático da pandemia no Brasil, *Todos morrendo sufocados*:

SONHO: Sonho, repetidamente, com meu pai, um senhor de 64 anos, cardíaco, num hospital. Um hospital cheio de gente, cheio mesmo, daqueles que tem gente até no chão. E desse lugar ele não consegue sair, nem puxando. Tem uma barreira invisível, quase um vidro, nas portas e janelas, e um indicador, que aparece em tudo mostrando o quanto ainda tem de oxigênio pra quem está lá dentro. O sonho acaba quando o oxigênio termina, com aquela cena de todos morrendo sufocados, e meu pai me pedindo ajuda. Eu acordo com o peito apertado, é horrível.

ASSOCIAÇÃO: Com certeza associado aos meus medos dele pegar covid, de faltar leite, de faltar oxigênio, dele não resistir. É um medo irracional que se desenvolveu nesses tempos.

Sonho *Todos morrendo sufocados*, gênero feminino, 18 anos, 17/07/2020.

Sonhado em julho de 2020, esse sonho cumpriu uma função de sismógrafo. O que a sonhadora entende como um medo *irracional* encontrou sua forma concreta na realidade brasileira. Em janeiro de 2021, a crise de oxigênio no estado do Amazonas causou perplexidade no país. O caos instalou-se na cidade de Manaus com a falta de oxigênio nos hospitais e a ausência de vagas em UTIs¹⁸, causando a morte de mais de 60 pessoas que dele necessitavam para contornar a crise respiratória aguda decorrente de COVID-19. Mais de 500 pacientes

¹⁸ Sigla para Unidade de Tratamento Intensivo.

precisaram ser transferidos às pressas para hospitais de outros estados. Trazemos aqui o recorte de uma reportagem:

Foram muitos os relatos de desespero e incontáveis as imagens de dor daqueles que tentavam buscar por conta própria cilindros de oxigênio para que seus familiares não morressem sufocados, enquanto médicos no limite da exaustão precisavam decidir quem receberia oxigênio suplementar, levando em conta as chances de sobrevivência. “Os hospitais de Manaus viraram câmaras de asfixia”, resumiu na coluna de Mônica Bergamo, da Folha de São Paulo (14/1), o pesquisador da Fiocruz, Jesen Orellana, que há tempos vem denunciando a situação na região (FIOCRUZ).

É impressionante a ressonância do sonho com o comentário jornalístico qualificando os hospitais em Manaus como câmaras de asfixia. Tal antecipação é possível na medida em que já se encontravam em jogo na vida social elementos potenciais para um desfecho trágico. O descaso do governo com a crise sanitária é prenúncio óbvio de uma tragédia anunciada. Nesse contexto, desperta estranhamento o termo *irracional* usado pelo sonhador para qualificar seu medo nos tempos de pandemia, quando na verdade ele elenca medos muito compatíveis com o cenário do momento, tão condizentes com a dura realidade. Deixa-nos com a interrogação sobre as elaborações (condensações, deslocamentos, censuras) que perpassaram esse sonho em seus caminhos associativos, para entender de onde vem esse prefixo que denota negatividade, “i”, transformando *racional* em seu contrário. Desde a nossa distante posição transferencial, poderíamos pensar o quão irracional, ao avesso da razão humana, seria temermos a veracidade de uma cena tão distópica.

O sonho acaba quando o oxigênio termina salientou-se à minha leitura como se estivesse em um letreiro luminoso, talvez por efeito da imagem do indicador que mostra, no sonho, o quanto ainda tem de oxigênio. O efeito de leitura é que sim, quando o oxigênio termina, acaba o sonho, acaba a possibilidade de sonhar. Hospitais lotados, falta de oxigênio, mortes por sufocamento, apesar de comporem um cenário onírico terrorífico, naquele momento reproduziam em antecipação o que viria compor a realidade exterior dramática. *O sonho acaba quando o oxigênio termina* tem esse efeito de eco, que fica ressoando uma tragédia que demanda elaboração. Contudo, enquanto ainda houver oxigênio, o sonho insiste. É uma outra forma, complementar, de tomar o enunciado desse sonho: O sonho [só] acaba quando o oxigênio termina, indicando a dimensão insistente do sonho. Enquanto houver vida, o sonho insiste.

Outro sonho emblemático da pandemia no Brasil é o sonho *Os indígenas amazonenses ficaram isolados e esquecidos pelo resto do Brasil*. Nele vemos operar o esquecimento dos grupos minoritários como projeto político. A fragilização das instâncias de poder acentua o que a sonhadora associa com a revelação do sentimento de impotência sentido diante *daqueles que sofrem mais durante a pandemia*. Aqui, porém, ainda aparece a instância governamental como alternativa de cuidado e providências.

SONHO: Sonhei que os indígenas amazonenses ficaram isolados e esquecidos pelo resto do Brasil devido ao risco de pegar coronavírus. Por isso, o Governo passou a lançar por meio de aviões alimento e produtos de higiene no Rio Negro para as tribos que garantiam comida e outras coisas do comércio com Manaus, agora impossível de ser feito. Eu estava lá na Amazônia por meio de um navio e decidi ficar mais tempo para ajudar no recolhimento, à nado – junto com os indígenas- , desses produtos lançados no rio.

ASSOCIAÇÃO: Acho que a revelação do sentimento de impotência sentido diante daqueles que sofrem mais durante essa pandemia.

Sonho *Os indígenas amazonenses ficaram isolados e esquecidos pelo resto do Brasil*,
gênero feminino, 18 anos, 02/04/2020.

Esse sonho também apresenta outro aspecto, sobre o qual discorreremos no próximo capítulo, a solidariedade despertada em momentos de adversidades. Apesar do sentimento de impotência, esse sonho sublinha o reconhecimento de alteridade. A prática de cuidado com *aqueles que sofrem mais* demonstra a necessidade de uma postura ativa que resista à barbárie, postura essa muitas vezes assumida por jovens que se posicionam frente às injustiças do mundo.

São perceptíveis nas narrativas oníricas do *Inventário de sonhos* as tentativas e possibilidades de contornar abismos (Costa et al., 2020). O sonho *No meio do furacão* empresta algumas imagens que se apresentam como representações possíveis da força, da intensidade e da imprevisibilidade da pandemia, e do decorrente sentimento de desamparo:

SONHO: Eu estava em frente a porta de minha casa, onde vivo, no meu prédio. Mas, ela estava aberta e vazia, então eu entrei e fui abrir a persiana da janela. Estava ventando muito, muito mesmo, então corri pra chamar minha irmã do meio. Quando ela chegou, ela concordou comigo, de que estava ventando muito. Escutamos um barulho na porta de casa que estava aberta, e quando fomos lá, o portão estava batendo, e do nada o vento começou a aumentar, e muito mesmo. A gente, estava até não conseguindo mais andar, porque o vento era muito forte. Quando conseguimos fechar a porta, corremos

para o nosso quarto, que estava com a janela aberta. O som, daquela ventania era muito assustador, não dava para escutar nada, só deu tempo da gente olhar pela janela, o céu estava diferente, e vinha vindo um furacão e muito rápido. Eu estava com tanto medo, que eu só era medo. No pouco que consegui raciocinar, foi assim: “O que que tá acontecendo, ninguém tá prevendo mais nada, acabou, tá tudo acabando.” Aí, acho que no ato instintivo mesmo, sabe, de quem está com tanto medo, que só paralisa a gente, eu agarrei minha pela cintura, ela me abraçou. Quando o furacão chegou, eu senti uma pressão enorme no meu ouvido, um zumbido, eu não conseguia respirar, minha cabeça parecia que fazia uma pressão, não senti mais nada, e aí eu acordei num alívio, de quem consegue respirar, mas uma respiração um pouco acelerada, porque eu estava com muito medo, muita assustada.

ASSOCIAÇÃO: Olha, as coisas estão simplesmente acontecendo, eu entendo isso até que de forma natural, como as coisas costumam acontecer. Só que estamos, tão presos a essa ideia de que sim, nós conseguimos prever a maioria dos fenômenos, sejam quais forem eles. Mas entanto, não foi o que aconteceu com o momento atual, e o que não vai acontecer, na minha concepção. Sabe, acho que nós estamos, muito ligados a questões... que talvez não exigissem tanta atenção, se trata de uns com os outros, mas parecemos estar focados em... coisas um tanto quanto, “irrelevantes” no momento. Quando ignoramos uma situação, que não se nega, mas que insistimos em dizer que não acontece, é mentir para você mesmo. Por isso eu tenho de enxergar, por mais que eu não queira ver, o que me traz perigo, embora o medo nos paralise. Para mim, as coisas só vão piorar, quando tudo voltar ao “normal”, porque não existe um normal, existe uma situação na qual fazemos parte, no presente, e se essa pandemia passar, e já assustou muito, acho que continuaremos sem prever tudo, podendo acontecer diversas outras coisas das quais, por mais que a ciência tente prever, como os fenômenos da natureza, podem acontecer, nem sempre vamos conseguir impedir grandes tragédias. Mas, que se acontecer, o importante é o que vive ali, deixar de lado as nossas ideias e se preocupar com o que está ferido.

Sonho No meio do furacão, gênero feminino, 18 anos, 21/05/2020.

A forma avassaladora da pandemia encontra aqui uma representação na imagem de um furacão. O ar aparece violento, com força destruidora, assim como o ar contaminado de cujo risco a máscara pode nos proteger. *Eu estava com tanto medo que eu era só medo.* O que pode uma adolescente ao enfrentar um medo tão intenso que paralisa? A que recursos ela pode

recorrer? Destacamos nesse sonho uma marca de cuidado através da figura fraterna que oferece um abraço, amparo possível junto ao outro no meio de uma realidade catastrófica.

Esse sonho parece nos apresentar um contraste com o sonho em que o oxigênio acaba. *Acordei num alívio de quem consegue respirar*, ainda que o medo continue dominando mesmo depois de acordar. A sonhadora parece fazer um apelo para abandonarmos a postura negacionista, convocando-nos a *enxergar o que traz perigo, mesmo que não se queira ver*, e a não paralisarmos diante do medo. Faz um convite a *se preocupar com o que está ferido*, chamando a assumir uma posição de descentramento de si e de cuidado com o outro como um modo ético de lidar com a realidade que se apresenta.

Ainda a partir das associações do sonho *No meio do furacão*, podemos depreender um pensamento relevante: *não existe um normal para onde voltar; existe uma situação na qual fazemos parte*. Essa *passagem* do sonho dá a dimensão de uma travessia, de uma condição a outra. Destacamos nesse capítulo alguns sonhos de adolescentes que consideramos paradigmáticos da experiência de travessia da pandemia no Brasil. Agora avançaremos dirigindo nosso olhar em outra perspectiva, sobreposta a essa, a da experiência de travessia da adolescência durante esse tempo de pandemia. Poderíamos ler essa *passagem, não existe um normal para onde voltar*, com a aceção de que não há mais infância para voltar. Ela seguirá acompanhando cada adolescente, dando contornos para os impasses que advirão.

4.2 ATRAVESSAR A ADOLESCÊNCIA – sonhos em pandemia

Eu sonhei que estava presa numa gaiola grande e que não poderia sair dali pra nada, me davam comida e água e eu entrava em desespero.

Sonho *Presa na gaiola*, gênero feminino, 17 anos, 15/03/2020.

Atravessar a adolescência configura-se em uma tarefa de grande complexidade. Atravessá-la durante a pandemia de COVID-19 pode exibir contornos ainda mais dramáticos. Reconhecemos nessa investigação a sobreposição dessas duas experiências: atravessar a pandemia durante a condição adolescente, e atravessar a adolescência durante uma pandemia. Buscamos nos relatos de sonhos notícias desse entrecruzamento, de forma que possamos recolher testemunhos dessa encruzilhada.

Françoise Dolto (2004), em *A causa dos adolescentes*, afirma que adolescência é uma expressão que tende a isolar os jovens indivíduos em fase de “passagem”, em “trânsito”, e lembra que a conceituação e as idades de referência não são consenso entre as diversas áreas do conhecimento. Diana Corso e Mário Corso (2018) esclarecem que a operação adolescente

não é um modo natural nem necessário, destacando o aspecto de construção histórica da criação dessa fase da vida que torna mais longa a transição para a vida adulta. Os autores também sublinham o sentido dessa experiência como uma passagem ou uma travessia. “Viver combinando as possibilidades de um corpo jovem, sexualmente amadurecido, com a continuação da despreocupação da infância” por vezes soa como uma espécie de “férias antecipadas, prévias às exigências e responsabilidades que [os hoje adolescentes] enfrentarão como adultos” (Corso & Corso, 2018, p. 9). Apesar disso, os autores reconhecem que essa não costuma ser a memória pessoal que cada um carrega de sua própria adolescência. Ao contrário, esse é um tempo geralmente marcado por sofrimentos e mal-estar, em que as idealizações competem na memória com o sentimento de insuficiência.

Corso e Corso (2018) definem a adolescência como um extenso espaço de tempo no qual ocorrem o desligamento da infância e a preparação para a vida adulta, caracterizando um tempo de inventar um rumo para si. Trata-se na adolescência mais de uma operação psíquica do que de uma etapa cronológica (Dolto, 2004; Corso & Corso, 2018; Nasio, 2011; Rassial, 1999). A adolescência é, portanto, um tempo de elaboração que exige um intenso trabalho psíquico, cujo desafio é a construção de uma nova posição subjetiva. Esse processo é desencadeado pela irrupção do real que a puberdade desvela, o que demanda uma reorganização pulsional e também a elaboração de diversos lutos (por exemplo, do corpo, dos pais e do meio social) (Warpechovski & de Conti, 2018).

Freud (1905/2016) situa no advento da puberdade o momento em que se introduzem as mudanças que levarão a vida sexual infantil a uma reorganização. É o tempo em que o instinto sexual, até então predominantemente autoerótico, encontra um objeto sexual, o que Freud chamou de primado da genitalidade. Ele usa a seguinte metáfora: “é como a perfuração de um túnel a partir dos dois lados” (Freud, 1905/2016, p. 121), o que dá essa conotação de travessia para a passagem adolescente, de um tempo infantil para um tempo de conclusão do desenvolvimento psicosexual.

Evocamos aqui um sonho carregado de angústia, que encena uma mutação em meio a grande turbulência, o sonho da *metamorfose malfeita*:

SONHO: Eu estava no meu primeiro dia de aula no Ensino Médio americano, e ocorreu um atentado de tiros. Depois, o sonho se tornou um documentário, seguindo uma garota adolescente bem branquinha. Ela bateu a cabeça na janela e quebrou um dente. O sonho cortou para uma policial do controle de animais recebendo uma chamada de uma cabra fora de controle e indo até o local. Descobrimos então que essa policial era mãe da menina que quebrou o dente. E, quando ela foi analisar a cabra, ela percebe algo e

diz "Isso não é uma cabra, essa é minha filha". A cabra era uma versão metamorfose da filha dela com o animal. Seu rosto estava alinhado com a c abeça da cabra, e seus órgãos se misturavam de maneira grotesca. Os membros da garota tentavam se libertar pelos membros da cabra. Uma metamorfose mal feita. Depois, a mesma menina era um bicho enorme cilindral como uma cobra, longa como um edifício e com um diametro do tamanho de uma pessoa. Ela estava estendida no seu quintal, em uma casa no meio das florestas. Dois garotos que pareciam ser seus irmãos, passaram por ela, e como uma brincadeira, um deles empurrou o outro no corpo da menina-cobra, que para acrescentar, tinha uma fina camada de cutis humana, e era preenchida por um muco, de modo que podíamos ver volumosas veias e órgãos e coisas estranhas dentro dela. Quando o seu irmão caiu nela, a menina gritou pedindo para eles pararem, e logo explodiu. Se tornou então ela um bicho de três cabeças que viria atrás de mim, pobre estudante do ensino médio americano que foi sugada para um documentário. Ela tinha a fúria da Carrie no final do maldoso livro, o tamanho do King Kong segurando a mocinha no topo de um prédio e três cabeças como a Hidra. Eu vi apenas um flash dela com um trovão, e já em casa, eu implorava a minha mãe para se esconder, porque a menina estava vindo.

ASSOCIAÇÃO: Eu acho que a preocupação com a minha mãe vem de ela ser uma profissional de saúde e ter contato com os casos todos o dias.

Sonho Uma metamorfose mal-feita, gênero feminino, 16 anos, 26/04/2020.

Esse sonho parece figurar através de muitas imagens as turbulências da passagem adolescente, um período de mutação que costuma ser cheio de angústias e incertezas. Podemos perceber um intenso trabalho psíquico envolvido na construção de uma nova posição subjetiva. São muitos os elementos presentes nessa narrativa minuciosa e rica em detalhes. Destaca-se inicialmente o quanto a experiência do sonhar opera como um espaço livre para a combinação de diversos elementos mnemônicos, para a expressão de sensações, de desejos e de conflitos, e também para o ensaio narrativo. Vê-se indícios de distorções, rearranjos, deformações que costumam permear o universo onírico. Há muitas imagens possivelmente sobredeterminadas que resultam em elementos enigmáticos, contornados por poucas associações. Apesar da ausência do sonhador para explorar associações e avançar no trabalho interpretativo, destacamos alguns elementos que saltaram à nossa leitura.

Temos nessa narrativa a representação de uma metamorfose, com acentuada ênfase na dimensão corporal. Vemos se configurar na transição adolescente uma alteração das formas do

corpo, que se avolumam e ganham novos contornos. Essa metamorfose é uma imagem possível para o confronto com o real do corpo que irrompe, como se falasse de um corpo adolescente tentando se libertar do corpo infantil. Temos no sonho o corpo animalesco da filha transformada que a mãe por um momento estranha, antes de reconhecer a filha. É comum que os pais estranhem a *versão metamorfose* dos filhos. Sobre a transformação que ocorre na adolescência, Rassial (1999) explica que há uma mudança no estatuto imaginário do corpo, desencadeado pela puberdade fisiológica, que perturba a imagem corporal construída na infância. O adolescente, agora situado no campo da diferença sexual, precisa reapropriar-se da imagem do corpo transformada sob o olhar do outro. É por isso um momento em que ressurgem perguntas da infância, silenciadas na latência, sobre o ser, sobre o sexo, sobre o próprio desejo e sobre o desejo do Outro.

Uma fina camada de cútis humana, prestes a explodir – tal construção onírica é uma narrativa possível de um tempo de “troca de pele”. Dolto (2004) aborda a fragilidade que marca esse tempo adolescente através da metáfora da lagosta, ou do camarão, animais que se escondem debaixo de pedras para se protegerem enquanto se desfazem de sua concha, antes que se consolide a nova carapaça. Se, enquanto estiverem vulneráveis, receberem pancadas, ficarão feridos para sempre, com suas cicatrizes cobertas pela nova carapaça. Os adolescentes, nesse momento de fragilidade extrema, costumam defender-se contra os outros pela depressão, ou por um estado de negativismo que agrava mais a sua fraqueza (Dolto, 2004). *Prestes a explodir* talvez expresse condição limítrofe que caracteriza esse tempo de explosão libidinal. Nasio (2011) elucida que o sujeito se desune interiormente tentando responder às exigências pulsionais do próprio corpo e as exigências sociais (pais, amigos e valores culturais) – interiorizadas na forma de um supereu tirânico –, dada a imaturidade e a incapacidade do eu adolescente de conciliar tais exigências conflituosas. Ana Costa (2023) fala que a adolescência revela um espaço moebiano¹⁹ de continuidade dentro/fora nesse tempo de construção do inconsciente. Ela denomina a adolescência como uma espécie de desterritorialização, em que a agitação do corpo anseia por sair.

Podemos compreender que a adolescência é uma metamorfose mal feita por excelência, por estar sempre aquém das idealizações e projeções, como uma promessa que nunca se cumpre – uma transformação que é sempre incompleta. Isso que reflete o drama da adolescência, essa *metamorfose malfeita*, imperfeita, também é a sua potência. A não completude é justamente o

¹⁹ O termo moebiano é relativo à Banda de *Moebius* – uma figura topológica da qual Lacan se utilizou para expressar a noção de continuidade, rompendo com o binarismo frente/verso, direito/avesso.

que relança o desejo e permite o enlace com a vida, desde uma posição de seguir buscando, produzindo e criando formas de ser no mundo.

Rassial (1997, *apud* Poli & Becker, 2010), quando aborda a adolescência, destaca que ela compreende uma operação psíquica de reinscrição do sujeito na relação ao Outro (universo discursivo que organiza o laço social). O adolescente, portanto, é aquele que tem a tarefa de ressituar-se diante dos determinantes reais, imaginários e simbólicos que delimitam sua posição em relação a si mesmo e aos outros (Poli & Becker, 2010).

Mais do que falar sobre a adolescência, Corso e Corso (2018) chamam a atenção para as diversas adolescências possíveis, de acordo com o contexto histórico e as circunstâncias sociais de cada um. Ainda assim, ressaltam como denominadores comuns das diversas adolescências os seguintes dilemas: “saber que tipo de pessoas são seus pais (ou substitutos), o que se herdou deles e como se apropriar disso” (Corso & Corso, 2018, p. 12). Isso porque, para inventar sua história, os adolescentes precisam reconhecer e lidar com a história que os engendrou:

O impasse é o de como se tornar uma versão original a partir daquilo que nos foi legado; como sair do jugo e influência da família e inserir-se positivamente em sua geração; como iniciar a vida sexual e amorosa e como vencer em um mundo tão difícil de decifrar (Corso & Corso, 2018, p. 12).

O psicanalista Contardo Calligaris (2003) usa o termo moratória social para abordar o tempo da adolescência: já não é mais criança, mas ainda não é adulto. É preciso esperar esse tempo para pôr em prática suas capacidades de trabalho e sua vida sexual. Corso e Corso (2018) retomam essa condição de moratória, lembrando que o conceito fora proposto por Erikson (1972, citado por Corso & Corso, 2018), e complementam que a posição do adolescente tende à marginalidade por falta de reconhecimento, em virtude de não se sentir tão amado como na infância, mas ainda não ter a respeitabilidade do adulto, ficando em uma condição de irrelevância social. Retomamos aqui o sonho apresentado na epígrafe:

SONHO: Eu sonhei que estava presa numa gaiola grande e que não poderia sair dali pra nada, me davam comida e água e eu entrava em desespero

ASSOCIAÇÃO: Agora que estamos em isolamento faz muito sentido a sensação de estar presa

Sonho *Presa numa gaiola*, gênero feminino, 17 anos, 15/03/2020.

Estar *presa em uma gaiola* lança-nos a diferentes compreensões. Pode representar a condição adolescente, entre a infância e o mundo adulto, metaforizando essa noção de

moratória. Pode também testemunhar a dimensão de aprisionamento que significa para um adolescente o isolamento social imposto pela pandemia. Ainda que pareça uma metáfora óbvia para qualquer pessoa em um contexto pandêmico, essa gramática onírica parece sublinhar o quão *desesperador* pode ser essa privação do contato social para os adolescentes, em um momento em que o distanciamento da família e a circulação entre os pares são determinantes para a construção da subjetividade. Tomando a associação da sonhadora, *Agora que estamos em isolamento faz muito sentido a sensação de estar presa*, é como se o contexto pandêmico, ao exacerbar essa condição, permitisse encontrar a nomeação de algo que já era experimentado, de lógicas e posições pré-existentes no sujeito e na sua relação com o mundo. De qualquer forma, o sonho enfatiza como é penosa a condição de isolamento para os adolescentes, distanciados de seus pares, imersos ao casulo familiar de onde tentam se extirpar.

O doloroso processo de separação da família é uma tarefa auxiliada pela sociedade por meio de ritos de iniciação. As instituições, nesse processo, têm um papel importante na regulamentação das relações sociais, limitando a gratificação individual (Freud, 1930/2010). O adolescente vai então conquistando o espaço social, descobrindo fora do círculo familiar o universo dos seres humanos em toda a sua diversidade. “Diante da importância maior agora exercida pela sociedade em sua vida, ele não demora a compreender que nada pode nascer de uma caminhada solitária” (Nasio, 2011, p. 16). As festas, os encontros com amigos, as relações amorosas, a escola são elementos (lugares físicos e lugares simbólicos) que transitam nos sonhos assinalando as marcas deixadas pela privação da circulação em espaços sociais e institucionais na vida cotidiana dos adolescentes durante a pandemia. O sonho *Aos poucos as pessoas da festa foram desaparecendo* também nos remete a essa questão. O cenário inicial é uma *festa de formatura*, um dos rituais de passagem que operam demarcando lugares subjetivos e posições sociais, de que ficaram privados adolescentes e jovens nesse período histórico.

SONHO: eu estava numa festa de formatura, de repente alguns conhecidos me ligavam para saber se eu estava bem. Eu lhes respondia que sim e não entendia por que me perguntavam aquilo. Aos poucos as pessoas da festa foram desaparecendo, eu fui ficando assustada e não conseguia me comunicar com meus pais. Acabei dormindo em um sofá na casa onde a festa acontecia. Ao acordar, eu tinha que conhecer a família da dona da casa. Depois de fazê-lo voltei para casa e meus familiares estavam muito bravos. Eu tinha então que tirar insetos nojentos de dentro das frutas e sentia como se tivesse tirando eles de dentro da minha pele, puxava, ardia e dava aflição. Quando acordei fiquei muito aliviada mas também assustada tentando entender o que significou esse sonho

ASSOCIAÇÃO: estou me distanciando de pessoas queridas, e não sei por que o faço
Sonho ao poucos as pessoas da festa foram desaparecendo, gênero feminino, 18 anos,
15/04/2020.

Destaca-se nesse sonho, a partir da associação da sonhadora, o distanciamento das pessoas queridas, que assume no sonho a configuração de *desaparecimento*. *Aos poucos as pessoas da festa foram desaparecendo*. As festas desapareceram durante a pandemia, e com elas as pessoas, os encontros, os espaços protegidos de adultos e crianças, os ensaios da vida amorosa e sexual, os momentos de serem olhados e desejados por outros de sua geração, de olharem e desejarem. Corso e Corso (2018) enfatizam que a adolescência costuma transcorrer nos lugares vazios, nas horas vagas, nos espaços desabitados, despovoados de adultos e crianças, o que reforça a ideia da pandemia como um obstáculo para o percurso do adolescer.

A sonhadora narra ter ficado *assustada*, no espaço intermediário entre *as pessoas da festa desaparecendo* e *não conseguir mais se comunicar com os pais*. Corso e Corso (2018) destacam que, apesar de o adolescente afastar-se ativamente da família, ele geralmente não é consciente do próprio movimento, sentindo-se abandonado. Nesse contexto, o olhar amoroso dos pares opera uma função imprescindível que ameniza esse sentimento de desamparo, resultante da perda dos laços com a família da forma como existia na infância. Assim, os jovens sentem-se frágeis e inconsistentes na ausência de laços com outros jovens da sua geração. Esse, que já constitui um grande desafio, torna-especialmente dramático durante a pandemia, quando privados da circulação que vinham exercitando fora do seio familiar.

Como escreve Nasio (2011), “é na época da adolescência que compreendemos o quanto o outro é biológica, afetiva e socialmente vital para cada um de nós, o quanto precisamos do outro para sermos nós” (Nasio, 2011, p. 16). É a partir desse entendimento que também a imagem onírica de uma *gaiola* ressalta à nossa leitura como testemunho da solidão adolescente durante a pandemia, enfatizando o sofrimento do adolescente restrito ao ambiente familiar, distanciado de seus pares. Também Dolto (2004) já havia destacado o papel de sustentáculo extrafamiliar que a vivência em grupos propicia para os adolescentes. Pesquisas recentes investigaram os efeitos do isolamento social nos sonhos durante a pandemia (Giovanardi et al., 2022; Gorgoni et al., 2021) e especificamente nos sonhos de adolescentes (Parello et al., 2021), em que o isolamento foi percebido como ameaça por carecer do apoio dos pares.

Outra cena de festa aparece no sonho *Uma festa muito louca*, que reúne primos, amigos, gente famosa e gente desconhecida, toda aquela diversidade de um mundo fora do seio familiar:

SONHO: Eu, meus primos e amigos demos uma festa muito louca na minha chácara, tinha gente famosa e gente que nem sabíamos como tinha chegado. Depois da festa, voltando pela rua da minha casa a pé, sozinha, um dos meus vizinhos tinha reformado a casa e estava rolando outra festa lá, fui ver se conseguia entrar e percebi que era a festa de aniversário de uma prima minha meio distante, ouvi uma buzina e eram todos os meus primos chegando pra essa nova festa que eu não tinha sido convidada. Lá na festa estava com um garoto que eu já peguei uma vez, aí a gente decidiu ir pra minha casa pra transar, mas chegando lá meu pai e mãe não deixavam a gente sozinhos e eu sentia que eles estavam nos pressionando pra fazermos ali mesmo, na frente deles, foi bizarro, por isso decidi contar.

ASSOCIAÇÃO: EU PRECISO DE CONTATO, estou ficando louca sem ver meus primos e amigos, sem uma festinha pra conhecer gente nova. Acho que é mais relacionado a isso de que não podemos sair de casa. Na minha família estamos sendo bem sérios com a quarentena, desde o começo de março, não tenho contato com ninguém só pai, mãe e irmã, estou no meio do mato (na chácara) e temos vizinhos, mas não achamos seguro ter contato....

Sonho *Uma festa muito louca*, gênero feminino, 18 anos, 23/05/2020.

A adolescência é uma ponte entre um passado infantil recente e um futuro que parece distante e idealizado. Ela é um processo contínuo de rupturas e crescimento, cujo maior desafio “é sair do espaço gravitacional dos pais” (Corso & Corso, 2018, p. 190). A necessidade de contato escrita em destaque enfatiza o quão árduo foi para os adolescentes atravessarem essa espécie de deserto social. Esse sonho apresenta de maneira muito explícita a submissão ao jugo familiar, *meu pai e minha mãe não deixavam a gente sozinhos*, uma constrição do espaço que restringe os movimentos de autonomia e liberdade, de saídas, de experimentações, de exercício da sexualidade. *Foi bizarro* transmite o estranhamento dessa situação excessivamente familiar. *Unheimlich*, termo que em alemão condensa uma ambivalência, foi utilizado por Freud (1919/2010) para designar um fenômeno duplo, em que as dimensões de estranheza e familiaridade coexistem. A pandemia foi palco de uma série de situações em que o estranho e o familiar aparecem entrelaçados e indiferenciados, rompendo fronteiras que o adolescente se esforça para delimitar, como representado na cena da adolescente sentindo-se pressionada para *transar na frente* dos pais. Como Ana Costa (2020) escreveu, estávamos “em casa (Heim) na sua face mais obscura (Unheim), como quando se tenta acordar de um pesadelo e o vestibulo entre sonho e realidade desapareceu”.

Foi bizarro, por isso decidi contar. A esse estranhamento, a adolescente associa a decisão de compartilhar seu sonho, demonstrando expectativas de ecos a partir desse endereçamento. Narrar o que lhe acontece é uma forma de sair de uma posição ensimesmada e reconhecer a alteridade. Byung-Chul Han (2023), ao falar da crise da narração na modernidade tardia, opõe informação à narração, retomando o pensamento de Walter Benjamin. Enquanto a primeira fragmenta o tempo em uma simples sequência do presente, a segunda produz um contínuo temporal. A narração supera a passagem do tempo ao criar uma forte relação entre os acontecimentos, diferenciando-se de relatório ou registro de informações. A amplitude temporal da narração remete a experiência narrada para além do instante e a relaciona com o que está por vir. “Aquele que narra mergulha na vida e tece novos fios entre os acontecimentos na sua interioridade. Com isso, uma densa rede de relacionamentos é formada, na qual nada está isolado” (Han, 2023, p. 72).

Em outra investigação sobre narrativas de sonhos de jovens brasileiros (19-29 anos) durante o período pandêmico, Imbrizi et al. (2021) concluíram que um espaço de partilha de sonhos pode oferecer uma alternativa ao silenciamento experimentado de forma social, nesse período em que se coadunaram os efeitos da pandemia com a fragilidade do pacto democrático brasileiro. Apostam que os sonhos noturnos, ao oferecerem algo além da percepção racional e consciente, evocam a dimensão de um pensamento inovador e criativo, carregado de percepções e compreensões que podem vir a lançar novos sentidos à vida diurna. Gurski e Perrone (2022) também sustentam a polissemia da estrutura onírica como uma alternativa à limitação de sentidos que se antecipa nos laços atuais por conta de ideologia e de uma distopia da realidade que ganha cada vez mais espaço no contexto brasileiro.

Reproduzimos uma vez mais o sonho *Água*, apresentado na Introdução, para agora costurarmos mais alguns pontos acerca dessa narrativa tão paradigmática da travessia adolescente na pandemia:

SONHO: Sonhei que estava em uma fila de cinema, não tenho certeza de qual era o título exato do filme que estava em cartaz (nota: era o único filme passando no cinema inteiro), mas parecia ser um daqueles filmes de catástrofe com tsunamis. Um garoto da minha idade tocou no meu ombro e disse algumas coisas que não me lembro, só lembro dele ter tido: "pena que não chegamos a nós conhecer" e depois foi embora. Não me lembro mesmo da conversa que tive com ele, mas lembro que foi bastante divertido, ele talvez fosse uma das pessoas mais interessantes que conversei na minha vida. Depois do garoto ir embora, as janelas do cinema começaram a encher de água até que se quebraram deixando a água entrar por todos os lados, percebi que tinha ficado sozinha

de repente, enquanto o local todo inundava em água. Rapidamente comecei a ficar sem ar e provavelmente morri afogada, mas acordei com medo antes de ter certeza.

ASSOCIAÇÃO: Não tenho certeza da segunda parte, mas quanto ao garoto acho que tenho medo de ter perdido a chance de conhecer pessoas incríveis porque estou trancada ou porque elas morreram.

Sonho *Água*, gênero feminino, 16 anos, 14/04/2020.

Como se a tela do cinema se rompesse, o tsunami cinematográfico de repente está a tomar a realidade. É interessante notar que a inundação acontece quando o garoto vai embora – de repente se viu sozinha, inundada. Isso nos leva a reconhecer novamente o caráter protetivo para os adolescentes da relação com seus pares, como uma barreira contra as inundações, as próprias e as do mundo que os cerca. A adolescente apresenta uma sensação um tanto nostálgica, com um matiz totalizante, *talvez fosse uma das pessoas mais interessantes que conversei na vida*, o que também não deixa de transmitir a abertura do jovem ao desconhecido, na aventura de deixar um terreno familiar e partir para novas experiências. Na associação de seu sonho, *ter perdido a chance de conhecer pessoas incríveis porque estou trancada ou porque elas morreram*, podemos reconhecer o que Ana Costa chama de “uma dor fantasma dum pedaço amputado, pedaço de vida do que teria sido, se a continuidade dos dias não tivesse sido bruscamente interrompida” (Costa, 2023, p. 17). Fica-se a imaginar a vida que se teria vivido, não fosse essa brusca interrupção justamente em um momento crucial da construção subjetiva e da inserção social, em que tantas novas e diferentes relações são estabelecidas.

Nessa mesma linha, temos outro sonho que nos fala sobre a irrupção da pandemia na vida adolescente: o sonho *Barro*. A piscina de barro que invade o cenário da campeã olímpica de natação poderia estar representando a invasão da pandemia na vida, justamente “na minha vez”, *quando pulei na piscina*, o cenário mudou drasticamente, tornando-se desfavorável para as vivências almejadas, para as quais vinha se preparando e das quais foi privada pela pandemia. Além disso, esse sonho manifesta também um contraste que pode ser reconhecido na adolescência, um embate entre um sentimento de onipotência e de fracasso.

SONHO: Eu era uma campeã olímpica de natação, e estava em um lugar escuro e estranho com algumas pessoas, inclusive algumas que aparentemente eram minha família e amigos (que eu nunca tinha visto na vida), e estava participando de uma competição. Quando pulei na piscina, no entanto, a água ficou completamente suja, como se estivesse cheia de barro, fedida e enquanto eu nadava podia ver diversos pássaros mortos na água.

Esse sonho retrata uma figura de destaque e reconhecimento, *campeã olímpica*, expondo uma faceta de onipotência que costuma fazer parte da adolescência, por vezes com tonalidade maníaca, em contraponto com uma dimensão oposta, muitas vezes sentida concomitantemente, a sensação de insuficiência e de fracasso. Por um lado, um sucesso idealizado, por outro, a água cheia de barro que é a vida com suas limitações. Porém, o barro pode representar especialmente a vida ameaçada na pandemia, que expunha seus *pássaros mortos*. Eu *era* uma campeã: pretérito que conjuga a experiência de uma adolescência projetada, mas interrompida em muitos aspectos pelo cenário pandêmico.

Outra direção de leitura desse sonho poderia ser a decepção decorrente da desidealização do mundo adulto. Diana Corso e Mário Corso (2018) reiteram que “a saída da infância é duríssima porque o mundo real é muito diferente da versão mágica em que o jovem quis acreditar e que lhe foi vendida” (Corso & Corso, 2018, p. 99). A revolta adolescente decorre do desmoronamento das idealizações infantis, ao perceber as imperfeições e injustiças do mundo. Como canta Cazuza (1988), em uma música que faz parte do repertório cultural brasileiro: “tua piscina está cheia de ratos, tuas ideias não correspondem aos fatos”.

Um pano cheio de secreções nasais é outro sonho que retrata a invasão da pandemia na vida adolescente. Aqui aparece a vida dentro do quarto, a ventania que invade por todas as direções, o elemento máscara, as secreções nasais e a contaminação:

SONHO: Desde que começou a pandemia e o isolamento social, não me lembro sequer de ter um sonho bom. Num dos meus sonhos recentes, eu estava numa situação muito assustadora. Estava eu no meu quarto mexendo no celular, e já era bem tarde da noite, todas as janelas do quarto estavam abertas e no sonho vinham vento de todas as direções, eu incomodado com aquilo, levantei pra fecha-las, mas no mesmo instante que fechei a primeira janela, escuto alguém bater na porta (eu na vida real, por segurança peço pra pessoa se apresentar antes de eu abrir a mesma), mas esse ato não aconteceu no sonho. Eu abri a porta e no mesmo instante me deparei com um rapaz bem alto, com a roupa toda escura e com uma máscara no rosto, numa mão havia um pedaço de pano e na outra mão ele segurava um pote pequeno de vidro, cheio de secreções nasais (catarro). Nisso eu entendi o que ele iria fazer e corri pra dentro de casa, só que ele também correu atrás de mim, mas antes disso ele apagou todas as luzes. Eu não lembro exatamente o que aconteceu ao certo, mas quando eu me dei conta, o

rapaz já tinha me mobilizado e estava pressionando o pano todo úmido no meu rosto, quando eu olhei fixamente pra cara do rapaz, era o meu pai, eu fiquei desnortado e estava tentando entender o motivo dele estar fazendo aquilo comigo. Depois disso eu não me lembro de exatamente de mais nada. Desde então, eu tenho tendo problemas pra dormir, com insônias e medo, durmo com a porta aberta e com a luz do corredor acesa, já tive problemas com a minha mãe por esse motivo, mas quando durmo na escuridão total, eu me sinto desprotegido, coisa que desde o início da minha adolescência nunca aconteceu.

ASSOCIAÇÃO: Bom, por estarmos numa época delicada, num período sombrio da pandemia, com tantas mortes, notícias ruins e etc, eu meio que estou tentando 'suportar' esse momento, e todas essas coisas não estão fazendo bem pra minha saúde mental.

Sonho *Um pano cheio de secreções nasais*, gênero masculino, 17 anos, 18/05/2020.

Todas as janelas abertas, vindo vento de todas as direções – abrindo possíveis significações, além da ameaçadora corrente de ar contaminado, essa narrativa é uma forma possível de enunciar o sentimento de um adolescente que se sente invadido pelo excesso de presença das figuras parentais. Também as *janelas* do computador, *todas abertas*, era o meio de contato privilegiado com o mundo externo no período de isolamento.

Olhei fixamente pra cara do rapaz, era o meu pai, eu fiquei desnortado (...). O jovem busca um ponto de equilíbrio, mas fica desnortado. Recordamos aqui a fala de Corso e Corso (2018) sobre o corpo adolescente, que “sobrevive nesse delicado equilíbrio entre convocar um olhar que o estruture e barrar esse mesmo olhar” (Corso & Corso, 2018, p. 192). É preciso olhar fixamente para um ponto no qual sustentamos toda a estrutura da mesma forma como fazem os bailarinos em cada giro, em que o mesmo ponto precisa ser localizado novamente. Mesmo quando adultos, quando precisamos de equilíbrio, é o olhar de fora que nos assegura dos nossos contornos e da nossa estrutura corporal.

Percebemos também nesse sonho uma ressonância com o sonho do *rosto não humano*. Repercute em alguns sonhos passagens como essas, em que não há para onde correr. Uma tradução possível poderia ser no âmbito da ausência de uma figura de proteção última, um último referente, um salvador, explicitando a fragilidade da figura paterna. No contexto brasileiro da pandemia, não podemos deixar de associar também à infantilização das figuras públicas de poder, e mais do que isso, a não assunção do papel de proteção por parte daqueles que ocupam a função pública. É como se o sonho dissesse: “não há adulto para se inspirar”. A figura que deveria proteger é a que ameaça a vida, despudoradamente. A passagem do sonho

em que é o pai que esfrega o pano cheio de secreções nasais no filho é análoga a acontecimentos da pandemia no Brasil, como o momento em que o então presidente da república pegou uma criança no colo e tirou sua máscara. Não há para onde fugir. Quem representa a função de proteção é justamente o perseguidor, há uma inversão. A configuração política do país influenciou no desespero experimentado, como um abuso em um momento de maior fragilidade, acentuando a sensação de desamparo e de revolta com quem deveria estar protegendo a população. Afinal, como é se preparar para se tornar adulto em um mundo em que muitos adultos se recusam a crescer?

Ainda sobre o tom catastrófico da invasão pandêmica na vida dos adolescentes, voltamos ao sonho *No meio do furacão*, exposto no capítulo anterior (p. 35). *No meio do furacão, tudo vindo muito rápido* são expressões que também comportam uma polissemia. Além da força avassaladora e repentina da pandemia, marcam a intensidade da passagem adolescente, o turbilhão da adolescência, um furacão que chega transformando o corpo infantil em um corpo adolescente e exigindo do sujeito uma reorganização pulsional e um reposicionamento na relação com os outros. *Ninguém está prevendo mais nada* marca a imprevisibilidade e a impossibilidade de controlar todos os fenômenos externos, esvaindo-se a crença infantil acerca dos poderes dos adultos que cercam a criança para garantir sua proteção. Esse também é um exemplo da desidealização do mundo adulto, fenômeno característico da adolescência.

Com alguns elementos similares ao sonho *Um pano cheio de secreções nasais*, há aqui um contraponto: ao invés da presença invasiva do pai, vemos uma relação fraterna que opera uma função de testemunho (*corri pra chamar minha irmã, ela concordou comigo*), de cuidado e amparo (*ela me abraçou*) em um momento de maior fragilidade. É desde esse lugar de semelhante, que pode reconhecer, *concordar*, compartilhar de uma percepção que a função dos pares se inscreve.

Nas associações dessa sonhadora, temos um ponto que também pode ser justamente um ponto de virada, que soa como o despertar de um ímpeto revolucionário. *Eu tenho de enxergar, por mais que eu não queira ver, o que me traz perigo, embora o medo nos paralise*. Revolta corajosa, que promove maior senso de urgência para se envolver com as questões sociais, políticas, ambientais. A sonhadora manifesta uma convocação a olhar para o outro: *deixar de lado as nossas ideias e se preocupar com o que está ferido*.

Voltamos agora ao sonho *Máscaras na água*, trabalhado no capítulo anterior (p. 31), que contém muitas representações diretas da pandemia. Nele, a adolescente parece abordar a

percepção do mundo adulto, e transbordar sua indignação pelos descumprimentos, falhas, desobediências e inconseqüências das pessoas ao seu redor:

ASSOCIAÇÃO: Acho que tem a ver com a preocupação lá no fundo. Não só comigo, mas também com as pessoas no mundo. O fato de eu me lembrar que as pessoas tem que usar máscaras no sonho e que usar na água não vai adiantar nada, acredito que significa pelo fato de as pessoas onde eu moro não estarem usando tanto e inventarem coisas para reabrir os comércios e tudo mais. Aqui as festas continuam, as pessoas não conseguem entender o tamanho perigo. Entendo quem sai para trabalhar, até porque precisa por dinheiro em casa, mas e essas pessoas que não precisam trabalhar por serem sustentados ou aposentados e ficam saindo? Acho que meu sonho pode ser devido a minha tamanha indignação com isso.

Ela nomeia sua preocupação com as pessoas no mundo para além dela mesma. O reconhecimento da alteridade e a atitude do adolescente frente às injustiças que o indignam também são expressas no sonho *Os indígenas amazonenses ficaram isolados e esquecidos pelo resto do Brasil*, trabalhado no capítulo *Atravessar a pandemia* (p. 34). O sonhador narra sua decisão de *ficar mais tempo para ajudar no recolhimento, à nado – junto com os indígenas –, desses produtos lançados no rio*. No momento em que a inscrição no espaço público se coloca como tarefa psíquica, uma sensibilidade ao *ethos*, ao que organiza as trocas no mundo, se agudiza. O adolescente talvez seja um ser atento à dimensão ética das trocas. Vemos uma ressonância com a associação do sonhador: *Acho que a revelação do sentimento de impotência sentido diante daqueles que sofrem mais durante essa pandemia*.

Nasio (2011) entende que a adolescência é uma das fases mais fecundas da existência humana. Além da morfologia adulta que desenha o corpo e da capacidade de procriação, o adolescente descobre novos interesses culturais, avançando na conquista do espaço intelectual, aprendendo a se concentrar em problemas abstratos, a antecipar eventuais dificuldades e a discernir o essencial de uma situação (*parecemos estar focados em...coisas um tanto quanto, "irrelevantes" no momento*, como lemos na associação do sonho *No meio do furacão*). Ele descobre também novas formas de viver emoções que já conhecia, como o amor, o ciúme, a admiração, a solidão, o sentimento de rejeição, a raiva. Nasio realça a “força viva” do adolescente, que nasce junto à eclosão do próprio pensamento, força essa que é a responsável por qualquer obra duradoura na idade adulta. O autor entende que tudo o que construímos “é erigido com a energia e a inocência do adolescente que sobrevive dentro de nós” (Nasio, 2011, p. 16).

Tal exercício de pensamento crítico podemos ver operar na associação do sonho *No meio do furacão*, com a seguinte formulação: *Quando ignoramos uma situação, que não se nega, mas que insistimos em dizer que não acontece, é mentir para você mesmo*. Esse dizer aponta para o silenciamento dos adultos, e transmite um lampejo de coragem para enfrentar os medos e as grandes temáticas da humanidade, como reconhecer a finitude da vida. Dolto (2004) pontua que os adultos têm dificuldade de falar francamente sobre a morte, costumam “esvaziar” a morte dos outros, não falando dela, disfarçando. Também Corso e Corso (2018) partilham desse entendimento de que é difícil para os adolescente encontrar adultos querendo falar a respeito da desafiadora pergunta sobre o valor da vida, pergunta que no momento da adolescência se apresenta de maneira enfática. Dolto (2004) defende a importância de que as coisas sejam ditas com palavras, o que torna tudo mais humano. É, pois, importante falar do que faz sofrer, exercitar nomeações possíveis para os anseios, as preocupações, o medo.

Eu estava com tanto medo, que eu só era medo, narra o sonhador de *No meio do furacão*. Corso e Corso (2018) situam que, na adolescência, as inibições e os medos são recursos comuns de defesa frente ao sofrimento, bem como a angústia e os sintomas depressivos. Muitas vezes os jovens recuam, paralisados, “entocados” em seus redutos, em uma postura de evitação do conflito, buscando sentirem-se protegidos, em um tempo em que o amor dos pais ou substitutos não bastam mais para dar sentido à vida, deixando assim de operar como um escudo protetor. “Ao perder a idealização e a exclusividade desse amor, fica-se sem as balizas e garantias que dali se nutriam. Essas fragilidades próprias da diminuição das figuras parentais levam a ter medo de morrer, adoecer, sair, confiar, ousar” (Corso & Corso, 2018, p.128).

Para lidar com a imposição do tema da morte, decorrente da morte imaginária das figuras adultas outrora poderosas, Corso e Corso (2028) sugerem encontrar uma forma de ser escutado, o que permite passar para uma modalidade discursiva, abrindo o horizonte para a elaboração de “ideias e pensamentos sobre o sentido e a fragilidade da vida, saindo do que era apenas incompreensível e que só permitia repetir, encenar e atuar” (Corso & Corso, 2018, p. 128). Também encontramos concepção similar em Han (2023), quando ele define a escuta como um fazer ativo, e não passivo. “Ela inspira o outro a narrar e abre um espaço de ressonância no qual quem narra se sente visado, sente que lhe escutam, e até mesmo se sente amado” (Han, 2023, p. 117).

Enfim, questões sobre a morte e o significado da vida estão presentes nas narrativas oníricas dos adolescentes nesse *Inventário de sonhos*, remetendo tanto à travessia adolescente e a decorrente assunção de uma nova posição subjetiva frente ao mundo, quanto à encruzilhada da adolescência com a travessia da pandemia, que intensifica os impasses desse percurso já

fervilhante de dúvidas e medos. Contudo, é protetivo para o adolescente reconhecer a finitude com algum véu de ilusão, permitindo que o sonho e a fantasia operem como barreiras protetoras da crueza da realidade. A obscenidade do número de mortes na pandemia, todavia, expõe o caráter de finitude da vida de forma avassaladora, como representado no sonho *No meio do furacão*, dificultando o processo de elaboração do luto.

Talvez seja esse véu de ilusão que aparece no sonho *Insetos*, em que vemos um enredo leve e descontraído, com uma tonalidade lúdica e fantasiosa, lembrando o enredo de Lewis Carroll em *Alice no país das maravilhas*:

SONHO: Neste sonho, eu estava num lugar bem roça mesmo, estradas de terra batida, mato alto, cheio de insetos e borboletas no ar; eu me sentia alegre, tinham umas 5 pessoas, eu, e mais 4 garotos. A gente subiu num carro, como aqueles de mudança com cercado, a gente tava rindo muito se divertindo, de soluçar bastante, exceto um dos meninos, que eu conhecia no sonho, mas na vida real não, ele tava passando mal com um balde nas mãos quase pra vomitar, até que o caminhão cai do barranco, mas a gente teve a queda amortecida por uma macieira gigante, com maçãs enormes, carnudas e suculentas, eu peguei uma, a mais bonita que tinha, as outras caíam com a gente, formando uma pilha de maçãs a minha volta, caindo muitas na minha cabeça, e na nossa frente um enorme cafezal carregado de café, com aquele cheiro maravilhoso.

ASSOCIAÇÃO: Que tudo irá passar, e vamos ter momentos de alegria, apesar de algumas pessoas que ainda vão sofrer como o menino.

Sonho *Insetos*, gênero masculino, 14 anos, 14/04/2020.

É um sonho em que coexistem a diversão descomprometida, um tanto infantil, e a angústia discretamente expressa no menino que quase vomita. *A queda amortecida* coloca-nos a pensar sobre a morte contida na palavra amortecida. A macieira gigante amortece a queda, torna a morte macia. A palavra *amortecida* também pode ser desdobrada em amor e tecida, de modo que nos remete à trama tecida pelas relações com os pares que compartilham esse viver despreocupado e aventureiro, trama essa que amortece as quedas na/da adolescência.

O *soluçar* que figura no sonho também é uma dobradiça entre o riso e o choro. Lembramos aqui de um sonho trabalhado por Ferenczi (1916/2019), também citado por Freud em *A interpretação dos sonhos* (1900/2019), quando trabalha a inversão dos afetos. O sonho é de um idoso preocupado com a morte, que sonha que um senhor conhecido entra em seu quarto à noite. O idoso tenta acender a luz e não consegue. A esposa se levanta e tenta ajudar, mas se envergonha do desconhecido, ela em roupas íntimas; volta a se deitar. O idoso tem um acesso

de riso incontrolável, chega a soluçar. Ferenczi interpreta o senhor conhecido como a figura da morte, que havia sido evocada no dia anterior como “o grande desconhecido”. Ferenczi esclarece que “a enigmática risada toma lugar do choro e dos soluços provenientes da ideia de que ele morreria. É a luz da vida que ele não pode mais acender” (1916/2019, p. 20) – relacionando a luz que não consegue acender à impotência sexual relatada pelo idoso. Assim, “o trabalho do sonho foi capaz de transformar a triste ideia de impotência e morte em uma cena cômica e, os soluços, em riso” (1916/2019, p. 21). O soluço é um fenômeno que se situa na fronteira entre alegria e dor. É curioso o paralelo desse sonho com o sonho *Insetos*, em que também acompanhamos uma possível inversão de afetos operada pelo trabalho onírico. Aqui o sonho parece oferecer uma narrativa protetora ao adolescente na travessia da pandemia, como uma rede que amortece a queda. É preciso acreditar que *tudo vai passar*, e que haverá novos *momentos de alegria*. Todavia, o adolescente reconhece e testemunha: *algumas pessoas ainda vão sofrer*.

Ainda sobre a temática do luto, entende-se que há diversos lutos em causa na adolescência. Os diversos autores que tratam do tema destacam o luto pela infância perdida. O sonho *As pessoas desaparecendo* remete-nos a essa questão. Assim como “a noite é a aparição do ‘tudo desapareceu’” (Blanchot, 2023, p. 5), a adolescência também é a aparição de um desaparecimento. Poderíamos dizer que a adolescência é a aparição de “a infância desapareceu”. A puberdade é a primeira passagem, evidenciando a morte da infância. Entrar na adolescência é abandonar a criança que se foi. E se há a morte da infância, é preciso haver o luto da infância, processo laborioso e cheio de voltas não lineares. Nasio (2011) fala da adolescência como “um processo silencioso, doloroso, lento e subterrâneo de desligamento do mundo infantil” (Nasio, 2011, p. 31).

O sonho *Comendo dentes* tangencia essa temática ao abordar a questão da perda dos dentes de leite, que mobiliza muitos afetos no processo de crescimento, e que a própria sonhadora sugere em sua associação a relação com a morte.

SONHO: Sonhei que estava comendo algo, é de repente dois dos meus dentes começaram a doer muito e logo em seguida caíram, porém não é a primeira vez já é a 3ª vez, das outras 2 vezes sonhei que todos os meus dentes caíam e depois eu comia eles, qnto mais eles caíam, mais eles nasciam e mais eu comia eles, horrível, acordava verificando se todos os meus dentes estavam aqui mesmo.

ASSOCIAÇÃO: Bom minha mãe sempre diz, e tbm sempre me disseram que sonhar com dentes é algo ruim relacionado a morte, e nesse momento de pandemia com tantas mortes acho que faz um pouco de sentido, é da parte de comer os dentes, eu uma vez

assisti um episódio de Jovens Titãs que tinha uma fada do dente que pegava os dentes e depois comia, bem nojento.

Sonho *Comendo dentes*, gênero feminino, 16 anos, 25/05/2020.

A associação que a jovem faz com os Jovens Titãs²⁰ refere-se possivelmente a um episódio dessa série animada intitulado *A dignidade dos dentes*, em que decorre uma investigação sobre o que afinal faz a fada do dente com todos os dentes que “compra”. Os jovens titãs, heróis adolescentes, partem em busca de resgatar seus dentes vendidos para a tal fada. A perda dos dentes de leite é uma marca muito significativa do crescimento, que atravessa anos da infância e da adolescência. São pedaços do corpo da infância que caem um a um, lentamente ao longo de anos, sendo uma materialização da infância que pouco a pouco se desfaz. Nasio reforça que a perda da infância “é uma perda sorradeira que não se vê nem se sente, mas que persiste inexoravelmente até a conquista da maturidade. O adolescente, portanto, cresce realizando, aos poucos e à sua revelia, o luto de sua infância” (Nasio, 2011, p. 31).

A lembrança da sonhadora a respeito da fala da mãe, de que sonhar com dentes é relativo à morte, leva-nos a compreender esse sonho como um trabalho para fornecer uma imagem possível para a morte. Algo de resto diurno parece operar nessa construção onírica, como se a sonhadora captasse do enunciado da mãe algum ponto de enunciação, relativo à transmissão desse enigma da vida. *Quanto mais [os dentes] caíam, mais eles nasciam e mais eu comia eles* – como as mortes na pandemia que não cessavam, que pareciam não ter fim.

A sonhadora associa ainda que o significado de morte *nesse momento de pandemia com tantas mortes acho que faz um pouco de sentido*. Percebemos que se expressa nesse sonho, bem como no sonho *Presa na gaiola*, a sobreposição do potencial traumático da pandemia com a já questionada temática da morte. Questionamentos que atravessam a adolescência, de forma mais ou menos intensa, ganham relevo em um contexto de realidade que, pelo número excessivo de mortes e pela constante ameaça contra a própria vida, excede as barreiras da fantasia. Soma-se a esse processo de luto da infância, portanto, o luto coletivo frente à experiência da morte em massa na pandemia. No contexto brasileiro, há um trabalho a mais a ser feito pela constatação da postura necropolítica da configuração do poder público, operada através do descaso com a pandemia e com as milhares de mortes. Como escreve Blanchot, “a morte raramente parece concluída, mas continua acontecendo. Para os que ficam e rodeiam o moribundo, vem como uma morte a morrer cada vez mais” (Blanchot, 2023, p. 10).

²⁰ Referência à série de animação norte-americana *Teens Titans*, que retrata as aventuras de um time de super-heróis adolescentes.

5. PARA CONCLUIR - DESPERTAR

Noite, pandemia, adolescência. Abordamos aqui diversas facetas dessas experiências marcadas pelo aspeto transitório, que contêm um caráter de passagem, experiências essas geralmente conturbadas, turbulentas, que demandam grande investimento psíquico e intensa elaboração. Atravessar a noite, atravessar a pandemia, atravessar a adolescência: são travessias em que nos deparamos com a irrupção do real, em que o Eu claudica, em que a identidade é posta em causa. Conforme Rassial (1995), a adolescência é o paradigma de toda crise identitária. Corso e Corso (2018) fazem a analogia de que os adolescentes desembarcam do trem familiar, em busca de “conhecer as coordenadas do mundo adulto, tentando entender a lógica dos nossos desejos, valores, etiquetas, tabus e hipocrisias” (p. 232). Com a tendência a se identificarem com os desejos secretos dos adultos, os adolescentes percebem e revelam os as inconsistências do tecido social (Corso & Corso, 2018).

Analizamos, portanto, as imbricações das travessias da adolescência e da pandemia a partir de narrativas oníricas, ao passo que também compreendemos que a função do sonhar, pelo trabalho de linguagem de que o sonho é feito e sua consequente polissemia significativa, pode produzir uma abertura de sentidos que instaura uma dimensão tanto de testemunho quanto de criação. Partilhamos do entendimento de Iannini et al. (2021) quando sustentam que é pelo trabalho de linguagem que se inscreve qualquer tratamento possível ao trauma, de forma a ampliar significações, inscrevendo os acontecimentos em uma rede simbólica que permita apaziguar e elaborar os efeitos do caráter invasivo da experiência traumática.

O acervo em que nos debruçamos nessa pesquisa, *Inventário de Sonhos*, carrega em sua nomeação a noção de inventariar, uma forma de recolher testemunhos da travessia da pandemia. Inventariar também é o que se faz quando da morte de alguém, regulando a distribuição do que restou. Inventário também contém a palavra inventar, do que se depreende uma operação de resistência ao cenário distópico da pandemia no Brasil: “sonhar para ensaiar novas narrativas, para inventar outras figurabilidades para além da lógica linear e cronológica do sentido”, de modo que o Inventário pode fazer furos na lógica dos discursos unívocos e totalitários, ousando inventar saídas possíveis, recolhendo marcas de sujeitos desejanter” (Costa et al., 2020).

Desse acervo, recolhemos os sonhos de adolescentes, propondo uma leitura fundamentada na psicanálise e investigando o que testemunham esses sonhos acerca das operações subjetivas implicadas na complexa encruzilhada dessas travessias: atravessar a pandemia durante a travessia adolescente no contexto brasileiro. Dentre algumas representações da pandemia nos sonhos, observamos o caráter de invasão da pandemia na vida

onírica dos adolescentes, com sua dimensão de imprevisibilidade, retratando as intensidades e os sofrimentos decorrentes das privações do contexto pandêmico na adolescência. Foram percebidas representações de angústia e imagens de desamparo. Também se destacaram manifestações relativas ao processo de luto da infância, às transformações do corpo, à sexualidade e à reorganização pulsional próprias da passagem adolescente.

Foi possível perceber nas narrativas oníricas a intensidade do trabalho psíquico envolvido na construção de uma nova posição subjetiva, no esforço do adolescente em se ressituar na sua relação com o universo discursivo que rege o laço social. A temática da separação da família e a importância da relação com os pares apareceu em destaque, com expressões dos efeitos adversos do isolamento social e sua dimensão de aprisionamento, e da presença excessiva e invasiva da família na vida do adolescente. Percebeu-se a importância do compartilhamento de experiências e a função da narrativa na inserção do adolescente em uma rede simbólica, alternativa ao silenciamento. Destacou-se ainda o reconhecimento da alteridade presente em muitos jovens e o sentimento de responsabilidade ética frente ao sofrimento humano. Entrelaçado ao luto da infância, reconhecemos o movimento de desidealização do mundo adulto e a percepção da fragilidade da vida. Além do luto pelas diversas perdas significativas, expressa-se ainda um luto coletivo frente à experiência da morte em massa, em um cenário de ameaça e de desamparo.

Trazemos um último sonho aqui, *Desmaio*, no qual se podem observar alguns desses elementos que destacamos da travessia da pandemia e da travessia adolescente:

SONHO: Estava saindo do condomínio em que vivo com meu pai. Vi uma série de conhecidos, e até familiares que não moram perto de mim, na rua e sem máscara. Uns fingiram não me reconhecerem, outros queriam socializar comigo, e eu estava estranhando a presença aleatória de todas aquelas pessoas sem um motivo naquele lugar. Mas segui com meu pai até um trecho da rua, o qual parei pois um dos conhecidos veio me cumprimentar. O detalhe é que na vida real esse conhecido e eu não somos próximos, e eu tenho um certo desafeto por ele, mas no sonho parecíamos ser amigos próximos. Tínhamos inclusive uma espécie de piada interna. E no momento dessa socialização com o conhecido que eu nem gosto, uma amiga muito próxima minha chegou e disse que minha vó tinha acabado de falecer. No meio dessa notícia eu senti que "desmaiei" no sonho, então acordei logo em seguida.

ASSOCIAÇÃO: Ter visto tantas pessoas na rua eu acredito que deve ser um reflexo de eu achar que a maioria do povo não está respeitando o isolamento. Mas o detalhe é que a maioria das pessoas que lido está respeitando, em especial minha família. Ou talvez

seja um um desejo interno de ver todas essas pessoas novamente. A proximidade com o indivíduo descrito foi bizarra, mas não tenho explicação. E a parte da morte deve ser pelo medo constante que estou carregando, minha vó é uma das pessoas que tenho medo de serem infectadas.

Sonho *Desmaio*, gênero feminino, 16 anos, 12/05/2020.

Detemo-nos no significante *desmaio*, ponto de angústia no sonho que faz o sujeito despertar, e que tangencia *essa parte da morte, medo constante que o sujeito carrega*. Em tempos de pandemia, tal assombro encontra ainda maior respaldo. *Acordar logo em seguida* parece uma tentativa de evitar o real, o buraco indizível e inominável, sem representação simbólica ou imaginária. O desmaio nos remete ao desfalecimento do sujeito, a uma falha na amarração subjetiva, à perda de contornos egoicos. Para Blanchot, dormir contém um paradoxo: é retirar-se da imensidão e da inquietude do mundo, mas para dar-se ao mundo, o que é permitido por uma ligação segura com um laço limitado e firmemente circunscrito. Na pandemia, porém, o mundo se tornou, paradoxalmente, infinito. As possibilidades de antecipação do que é cabível acontecer entraram em colapso e emergiu algo absolutamente novo. De algum modo, o sono se tornou mais difícil, e os sonhos mais intensos. Escreve Blanchot:

O sono é esse interesse absoluto através do qual me asseguro do mundo a partir de seu limite e, tomando-o pela sua vertente finita, agarro-o com muita força para que fique, me tranquilize e me descanse. Dormir mal é justamente não poder encontrar essa posição (Blanchot, 2023, p. 67).

Provavelmente morri afogada, mas acordei com medo antes de ter certeza. Esse recorte onírico guiou-nos ao longo dessa investigação, despertando uma interrogação fundamental a respeito dos sonhos. Enquanto Freud (1900/2019) entendia que sonhamos para continuar a dormir, Lacan propôs uma inversão, enfatizando que despertamos para continuar a sonhar: “um sonho desperta justamente no momento em que poderia deixar escapar a verdade, de sorte que só acordamos para continuar sonhando – sonhando no real, ou para ser mais exato, na realidade” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 59). Como esclarecem Koretzky (2023) e Dunker (Beradt, 2022), despertamos para voltar para a realidade que nos protege, para evitar o encontro com o real. Como um desabamento temporário do cenário mundano, o dormir obriga o sujeito a contemplar a noite horrenda, nesse encontro diário com a verdade de si e o desamparo fundamental (Pereira, 2021).

Contudo, Dunker (Beradt, 2022) enfatiza que a emergência de pesadelos aponta para o bom funcionamento do sismógrafo psíquico do sujeito, entendendo que a noção de despertar também porta um sentido crítico e emancipatório. Na mesma direção, Caruth (2000) reconhece no despertar traumático do pai que sobrevive à morte do filho, a possibilidade de transmitir sua condição de quem suporta sobreviver, responsabilizando-se eticamente pela sua própria origem e pela morte dos outros.

Apostamos, pois, na função de transmissão da experiência adolescente durante a pandemia através dos sonhos, que aponte para uma ética do despertar. Afinal, reiteramos o que Corso & Corso (2018) situam sobre a importância de reconhecer as heranças que cada geração de adolescentes vai deixando à cultura. Retomam o dizer de Winnicott de que os adolescentes passam, pois eles crescem, mas a adolescência é algo que fica na sociedade, recebendo sempre novos membros, que chegarão para reclamar e duvidar. “Essas ideias, se as soubermos escutar, podem nos fazer crescer como sociedade” (Corso & Corso, 2018, p. 99).

Ressaltamos, contudo, que não se trata da transmissão de uma realidade que pode ser vista e compreendida. Entendemos a transmissão nos termos de Caruth:

A transmissão da escrita psicanalítica não consiste no conhecimento de uma morte que pode simplesmente ser vista, mas, precisamente, na transmissão do ato de acordar. Abrindo os olhos do outro, o acordar consiste não apenas em ver, mas em passar a outro (e outro futuro) o ver que ele não contém e nem pode conter. Não é um conhecimento cognitivo que pode ver e situar onde se encontra o trauma (Caruth, 2000, p. 135).

Para Caruth (2000), portanto, acordar não é um compreender. Como um ato, acordar é uma transmissão. As palavras transmitidas como um ato não acordam o eu, elas transmitem *o acordar para outros*. A transmissão consiste no imperativo ético de um acordar que ainda está por acontecer.

Acordar antes de ter certeza, apesar do medo, enuncia a direção ética da transmissão de uma posição relativa ao mundo, a de dar algum testemunho possível da provável morte e a partir disso sustentar o enlace com a vida – uma ética do despertar. Na vibração de Belchior, “ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”²¹ foi um refrão que circulou no fim da pandemia e às vésperas de novas eleições presidenciais no Brasil. Afinal, o sonho *só* acaba quando o oxigênio termina. Enquanto isso, podemos sonhar para atravessar a noite, para atravessar a adolescência, para atravessar a pandemia e para atravessar a vida.

²¹ Música *Sujeito de sorte*, Belchior (1976).

6. REFERÊNCIAS

- Belchior (1976) *Sujeito de sorte*. PolyGram.
- Beradt, C. (2022) *Sonhos no Terceiro Reich*. Fósforo.
- Bianco, A. C. L., & Costa-Moura, F. (2013). Ato teórico, ato ético. *Tempo Psicanalítico*, 45(2), 249–266.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382013000200002&lng=pt&tlng=pt.
- Blanchot, M. (2023) *A inspiração*. Sr Teste edições.
- Bryon, D. (2021) Processing trauma in psychoanalysis in “real” time and in dreams: the convergence of past, present and future during COVID-19. *The Journal of Analytical Psychology*, 66(3), 399–410. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12695>
- Calligaris, C. (2003) *Adolescência*. Publifolha.
- Caon, J. L. (1997) Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes. *Psicologia*, 10(1), 105–123.
<https://doi.org/10.1590/s0102-79721997000100008>
- Caruth, C. (2000) Modalidades do despertar traumático. In Nestrovzki, A.; Seligmann-Silva, M. (orgs). *Catástrofe e representação*. Escuta, pp. 111-136.
- Cazuza (1988) *O tempo não para*. Universal Music.
- CONASS. Painel COVID-19. Conselho Nacional de Secretários da Saúde. Centro de Inteligência Estratégica para a Gestão Estadual do SUS (CIEGES).
<https://cieges.conass.org.br/paineis/listagem/situacao-de-saude-da-populacao/casos-e-obitos-covid-19>
- Corso, D. & Corso, M. (2018) *Adolescência em cartaz: filmes e psicanálise para entendê-la*. Artmed.
- Costa, A. (2006) *Sonhos*. Jorge Zahar.
- Costa, A. (2020) A estranha casa que nos habita. In *Correio da APPOA*, n. 297, abril de 2020.
https://appoa.org.br/correio/edicao/297/a_estranha_casa_que_nos_habita/825
- Costa, A. (2023) *O sonho da escrita dos sonhos*. Mercado de letras.
- Costa, A. O.; Mortagua, C.; Mamede, D.; Sousa, E. L. A.; Horst, J.; Bregalanti, L.; Endo, P. C. (2020) Um inventário de sonhos para nosso tempo. *Correio da APPOA*, n. 304, novembro 2020.
https://appoa.org.br/correio/edicao/304/um_inventario_de_sonhos_para_nosso_tempo/895

- DICIONÁRIOS Porto Editora. *Verbete Serendipidade*. <https://www.infopedia.pt/dicionarios>.
- Dockhorn, C. N. de B. F., & Macedo, M. M. K. (2015) Estratégia Clínico-Interpretativa: Um Recurso à Pesquisa Psicanalítica. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 31(4), 529–535. <https://doi.org/10.1590/0102-37722015042473529535>
- Dolto, F. (2004) *A causa dos adolescentes*. Ideias & Letras.
- Dunker, C.; Perrone, C.; Iannini, G.; Rosa, M. D.; Gurski, R. (orgs.) (2021) *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Autêntica.
- Endo, P., Sousa, E., Mamede, D., Costa, A., Bregalanti, L, Horst, J., Mortágua, C. (2020) *Questionário Inventário de Sonhos*. <https://pt.surveymonkey.com/r/NVYNH5K>
- Evzonas, N. (2018) Sándor Ferenczi’s multiple confusions of tongues and their influence on psychoanalytical thinking. *The International Journal of Psychoanalysis*. 99:1, 230-247, DOI: 10.1080/00207578.2017.1399072
- Favero, A. B., & Rudge, A. M. (2009) Trauma e desmentido. *Psychologica*, (50), p. 169-180. https://doi.org/10.14195/1647-8606_50_8
- Ferenczi, S. (1916/2019) Inversão de afetos nos sonhos. In *Sonhos, melodias e sintomas*, 20-21. Artes & Ecos.
- Figueiredo, L. C. & Minerbo, M. (2006) Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. In *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257–278. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a17.pdf>
- FIOCRUZ. *Falta de oxigênio causa mortes e revela colapso em Manaus, que já soma mais de quatro mil mortes em 2021*. Informe da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50926>
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Relembre o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi*. 05/03/2021. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>.
- Freud, S. (1900/2019) *A interpretação dos sonhos*. Obras completas, v. 4. Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1905/2016) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Freud, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos*. Obras completas, v. 6. Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras.
- Freud (1912/2010) Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In Freud, S. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O*

- caso Schreber*”), *Artigos sobre a técnica e outros textos*. Obras completas, volume 10. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1915/2010) Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In Freud, S. *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos*. Obras completas, v. 12. Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1919/2010) O inquietante. In Freud, S. *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)*, *Além do princípio do prazer e outros textos*. Obras completas, v. 14. Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1920/2010) Além do princípio do prazer. In Freud, S. *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)*, *Além do princípio do prazer e outros textos*. Obras completas, v. 14. Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1925/2011) Alguns complementos à interpretação dos sonhos. In Freud, S. *O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos*. Obras completas, v. 16. Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1930/2010) O mal-estar na civilização. In Freud, S. *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. Obras completas, v. 18. Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras.
- Giovanardi, G., Fiorini Bincoletto, A., Baiocco, R., Ferrari, M., Gentile, D., Siri, M., Tanzilli, A., & Lingiardi, V. (2022) Lockdown dreams: Dream content and emotions during the COVID-19 pandemic in an Italian sample. *Psychoanalytic Psychology: The Official Journal of the Division of Psychoanalysis, American Psychological Association, Division 39*, 39(2), 111–126. <https://doi.org/10.1037/pap0000385>
- Gorgoni, M., Scarpelli, S., Alfonsi, V., Annarumma, L., Cordone, S., Stravolo, S., & De Gennaro, L. (2021). Pandemic dreams: quantitative and qualitative features of the oneiric activity during the lockdown due to COVID-19 in Italy. *Sleep Medicine*, 81, 20–32. <https://doi.org/10.1016/j.sleep.2021.02.006>
- Guerrero-Gomez, A., Nöthen-Garunja, I., Schredl, M., Homberg, A., Vulcan, M., Brusić, A., Bonizzi, C., & Iannaco, C. (2021) Dreaming in Adolescents During the COVID-19 Health Crisis: Survey Among a Sample of European School Students. *Frontiers in Psychology*, 12, 652627. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.652627>
- Gurski, R. & Perrone, C. (2022) “Constelação”: Sonhos, psicanálise e política em tempos de pandemia. In Dunker, C.; Perrone, C.; Iannini, G.; Rosa, M. D.; Gurski, R. (orgs.) (2021) *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Autêntica.

- Han, B.-C. (2023) *A crise da narração*. Vozes.
- Iannini et al. (2021) “Casa”: sonhos infamiliars. In Dunker, C.; Perrone, C.; Iannini, G.; Rosa, M. D.; Gurski, R. (orgs.) (2021) *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Autêntica.
- Imbrizi, J. M.; Silva, M. D.; Lemos, M. L.; Teixeira, L. C.; Rosa, M. D. (2021) “Máquina de moer sonhos”: a pandemia e os sonhos da juventude. In Dunker et al. (orgs). *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*, 171-194. Autêntica.
- Iribarry, I. N. (2003) O que é pesquisa psicanalítica? In *Ágora*, VI (1), 115-138.
- Koretzky, C. (2023) *O despertar: dormir, sonhar, acordar talvez*. Autêntica.
- Kupermann, D. (2019) *Por que Ferenczi?* Zagodoni.
- Lacan, J. (1954-1955/2010) *O seminário*, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Zahar.
- Lacan, J. (1956-1957/1995) *O seminário*, livro 4: a relação de objeto. Zahar.
- Lacan, J. (1964/2008) *O seminário*, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Zahar.
- Lacan, J. (1966/1998) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos*. Zahar: 1998, pp. 496-533.
- Lacan, J. (1969-1970/1992) *O seminário*, livro 17: o avesso da psicanálise. Zahar.
- Margherita, G., Gargiulo, A., Lemmo, D., Fante, C., Filosa, M., Manari, T., Lenzo, V., Quattropani, M. C., Vegni, E., Borghi, L., Castelnuovo, G., Cattivelli, R., Saita, E., Franceschini, C., & Musetti, A. (2021). Are we dreaming or are we awake? A qualitative analysis of dream narratives and dreaming process during the COVID-19 pandemic. *Dreaming*, 31(4), 373–387. <https://doi.org/10.1037/drm0000180>
- Mbembe, A. (2018) *Necropolítica*. n-1 edições.
- Memória Institucional da Justiça Federal do Paraná. *O presidente Jair Bolsonaro minimiza a covid-19 ao chamá-la de “gripezinha”*. <https://memoria.jfpr.jus.br/timeline/o-presidente-jair-bolsonaro-minimiza-a-covid-19-ao-chama-la-de-gripezinha/>.
- Milman, E.; Moschen, S. Z.; Kierniew, J. G.; Fröhlich, C. B. (2023) Psicanálise, educação e distopia: sobre os efeitos dos modos de operar na/a linguagem. In *Educação temática digital*, v. 25, pp. 1-18. DOI 10.20396/etd.v25i00.8670554.
- Museu da Pessoa (museu virtual e colaborativo de histórias de vida), disponível em: https://museudapessoa.org/colecao-detalle/?id=750#close_nav
- Museu das Memórias (In)Possíveis. Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), disponível em: <https://museu.apoa.org.br/acervo/inventario-dos-sonhos>

- Nasio, J.-D. (2011) *Como agir com um adolescente difícil?: um livro para pais e profissionais*. Zahar.
- OPAS. *Histórico da pandemia de COVID-19*. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>.
- Parrello, S., Sommantico, M., Lacatena, M., & Iorio, I. (2021). Adolescents' dreams under Covid-19 isolation. *International Journal of Dream Research*, 14(1), 10–20. <https://doi.org/10.11588/IJODR.2021.1.73858>
- Pereira, M. E. C. (2021) *A erótica do sono*. Aller.
- Poli, M. C. & Becker, A. L. (2010) Adolescência: uma abordagem na psicanálise lacaniana. In Macedo, M. M. K. (org). *Adolescência e Psicanálise: intersecções possíveis*. EDIPUCRS.
- Pontalis, J. B. (2012) *À margem das noites*. Primavera Editorial.
- Portal G1. *Bolsonaro imitou paciente com falta de ar durante transmissões ao vivo na internet em 2021*. <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/22/bolsonaro-imitou-paciente-com-falta-de-ar-durante-transmissoes-ao-vivo-na-internet-em-2021.ghtml>
- Queiroz, J. P. P. (2023) *Sonhos na pandemia: o despertar como escrita do mal-estar brasileiro*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo]. Repositório da Produção USP. DOI: 10.11606/D.47.2023.tde-09042024-175539
- Rassial, J. J. (1995) Entrevista com Jean Jacques Rassial. In *Adolescência*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, n. 11, 86-100. Artes e Ofício.
- Rassial, J. J. (1997) *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Artes & Ofícios.
- Rassial, J. J. (1999) *O adolescente e o psicanalista*. Jorge Zahar.
- Rosa, M. D. (2015) *Psicanálise, política e cultura: a clínica em face da dimensão sócio-política do sofrimento*. [Tese de Livre-Docência, Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo].
- Veloso, C. (1984) *O Quereres*. Philips.
- Warpechovski, M. B. & De Conti, L. (2018) Adolescer em contextos de vulnerabilidade e exclusão social. In *Estilos da clínica*, v. 23, n. 2, maio/ago. 2018, 322-343. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v23i2p322-343>

7. ANEXOS

7.1 ANEXO I – CONSENTIMENTO DA PESQUISA

A coleta de sonhos do Projeto Inventário de Sonhos foi realizada através da plataforma online Survey Monkey (link: <https://pt.surveymonkey.com/r/NVYNH5K>), onde consta uma apresentação do projeto com esclarecimentos sobre o uso dos dados coletados (material onírico) para fins de pesquisas, informando o caráter anônimo da coleta. Segue a reprodução do texto apresentado na página da coleta:

Inventário de Sonhos

Em 2018 realizamos uma pequena coleta online de sonhos durante o período compreendido entre o primeiro e o segundo turno das eleições para presidente da república. Alguns sonhos foram ali relatados para efeito de futuras pesquisas de investigadores interessados nessa compilação.

Apoiados em outras experiência e estudos realizados por nós e outrxs autorxs sobre os sonhos referidos ao tensionamento entre o singular e o coletivo; o particular e o universal; o privado e o público e, por fim, entre o psíquico e o político, fomos estimulados a realizar o primeiro inventário de sonhos e a continuá-lo agora no seio da pandemia. O objetivo é o de utilizar esse material onírico como fonte de pesquisas em psicanálise, psicologia, saúde mental e demais áreas que se interessem, e, para tanto, converter o conjunto de narrativas de sonhos coletados em um acervo público.

A proposta é produzir uma narrativa de seu sonho por escrito seguindo duas perguntas simples (os campos para preenchimento estão logo abaixo desse texto, aqui apenas algumas provocações):

- Você poderia narrar um sonho pessoal ocorrido a partir do dia 01/03/2020 e que você associaria aos acontecimentos ligados à pandemia do coronavírus?
- Caso tenha pensado, associado ou interpretado algo sobre esse sonho, poderia relatar seus pensamentos, associações e interpretações?

Todos os sonhos relatados devem ser anônimos, portanto solicitamos apenas que você identifique seu gênero, idade e local onde vive atualmente.

Agradecemos sua disponibilidade em participar dessa coleta de sonhos.

Informações adicionais podem ser obtida através dos e-mails: (e-mails de cada pesquisador)

Ao final da página online, constam os nomes dos pesquisadores do projeto e suas identificações. Os responsáveis científicos pelo projeto Inventário de sonhos são o prof. Dr. Paulo Endo (USP) e o prof. Dr. Edson Sousa (UFRGS). No âmbito do ISPA, a supervisão científica é realizada pelo prof. Dr. António Gonzalez.

7.2 ANEXO II – QUESTIONÁRIO DO PROJETO INVENTÁRIO DE SONHOS

Questionário do Projeto Inventário de Sonhos (Endo, P., Mamede, D., Sousa, E. L. A., Mortágua, C. G., Horst, J., Bregalanti, L., Costa, A. O., 2020). O instrumento utilizado foi um questionário elaborado pelo coletivo de pesquisadores/psicanalistas, com caráter anônimo, constituído por 6 perguntas:

1. Qual a sua idade?
2. Qual o seu gênero?
3. Em que região você mora?
4. Qual a data (pode ser aproximada) do seu sonho?
5. Narre o seu sonho:
6. Que associações você faz entre o seu sonho e o momento de pandemia que estamos vivendo?